A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1994

A LIAHONA

MAIO DE 1994



Na Capa:
Primeira capa: Harry e Elizabeth Sarpong, de Kumasi, Gana, com os filhos, *da esquerda para a direita*, Issac, Harrison, Rachel e Benjamin. *Quarta capa:* Costa do Cabo, Gana *(no alto, à esquerda)*; dois jovens membros na Nigéria *(no alto, à direita)*; professores da Ala Takoradi, Estaca Costa do Cabo Gana *(embaixo)*. Após anos de preparação, o evangelho está se espalhando rapidamente na África. Ver "Um Povo Preparado" (página 32) e "Pioneiros do Evangelho na África" (página 36). Fotografia da capa de E. Dale LeBaron.

Capa da *Seção Infantil*:
Rebecca Favaretto vai para a escola, na Itália central, de ônibus. Ver "Fazendo Amigos", página 14. Fotografia da capa cortesia da família Favaretto.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A CHAVE DA FÉ PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

UM PODER MAIOR CASSANDRA LIN TSAI 9

AJUDAR OS JOVENS A ESCOLHEREM PUREZA SEXUAL JOY SAUNDERS LUNDBERG 18

NOITE DE PAZ ANA MORA MONTEREY 26

UM POVO PREPARADO: ARTE E LEMBRANÇAS DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS AFRICANOS MARJORIE DRAPER CONDER 32

PIONEIROS DO EVANGELHO NA ÁFRICA E. DALE LEBARON 36

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

A ARTE DE TENTAR JANET THOMAS 12

"ATÉ PARECE QUE NÃO ME CONHECEM" PHIL RESCHKE 16

PARA SUA INFORMAÇÃO 28

A VIAGEM PELA ESTRADA ETERNA LISA A. JOHNSON 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: APRECIAR MAIS COMPLETAMENTE AS BÊNÇÃOS DO BATISMO 25

SEÇÃO INFANTIL

SPENCER W. KIMBALL KELLENE RICKS ADAMS 2

IRMÃ FRANGO & O TEMPLO ÉLDER JOSEPH B. WIRTHLIN 4

SÓ PARA DIVERTIR: SOMA DAS ESCRITURAS TERRY REED 5

FICÇÃO: TESTEMUNHO REAL LYNETTE BURKE HALE 6

TEMPO DE COMPARTILHAR: DOU GRAÇAS AO PAI JUDY EDWARDS 10

PARA OS AMIGUINHOS: AJUDANTE ESPECIAL VIRGINIA BROSSEIT 12

FAZENDO AMIGOS: REBECCA FAVARETTO, DE SIENA, ITÁLIA DEANNE WALKER 14

MAIO de 1994, Vol. 18, nº 5
A LIAHONA, 94985 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **CR$ 8.400,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples US$ 5,00, aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **CR$ 700,00.**
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ESTE TESOURO MARAVILHOSO

Minha família e eu vivemos em Annaberg-Buchholz, que, antes de 1990, pertencia à República Democrática Alemã (RDA), controlada pelos comunistas.

Naquela época, as autoridades governamentais não permitiam que as revistas da Igreja entrassem no país, de modo que não conseguíamos a revista da Igreja em alemão, *Der Stern*.

Contudo, os membros que residiam na Alemanha Ocidental tinham permissão para remeter livros aos santos dos últimos dias da República Democrática Alemã por meio de um clube de livros da Igreja. Era um sacrifício pessoal para eles, pois tinham que pagar todos os custos. Todo mês minha família recebia um livro da Igreja que nos aproximava mais do evangelho.

Finalmente, graças à cooperação desenvolvida entre a Primeira Presidência e as autoridades do governo da República Democrática Alemã, as restrições foram suspensas e pudemos fazer uma assinatura da revista *Der Stern*. Foi uma ocasião de grande alegria! Minha família e eu ficamos muito gratos por recebermos esse maravilhoso tesouro.

Em todos os números há algo de valor para cada integrante da família. Os discursos e artigos das Autoridades Gerais nos trazem muita força espiritual e nos ajudam nas tarefas diárias.

Interesso-me especialmente pelos relatos dos santos que vivem em outras partes do mundo. Saber que membros da Igreja de todas as partes tentam trilhar o caminho do evangelho ajuda-me a apegar-me à "barra de ferro".

Monica Miecznikowski
Ala Annaberg-Buchholz
Estaca Dresden Alemanha

UMA PUBLICAÇÃO ESPECIAL

Obrigado pela *Liahona* (em espanhol). É uma publicação excelente.

Sempre baseamos nossas noites familiares nos artigos da revista. Em muitas ocasiões utilizamos as mensagens da Primeira Presidência em nossos discursos na Igreja.

Nossos filhos deliciam-se com a Seção Infantil e as colecionam.

Família J. Ignacio López
Ala Tonalá
Estaca Guadalajara México Reforma

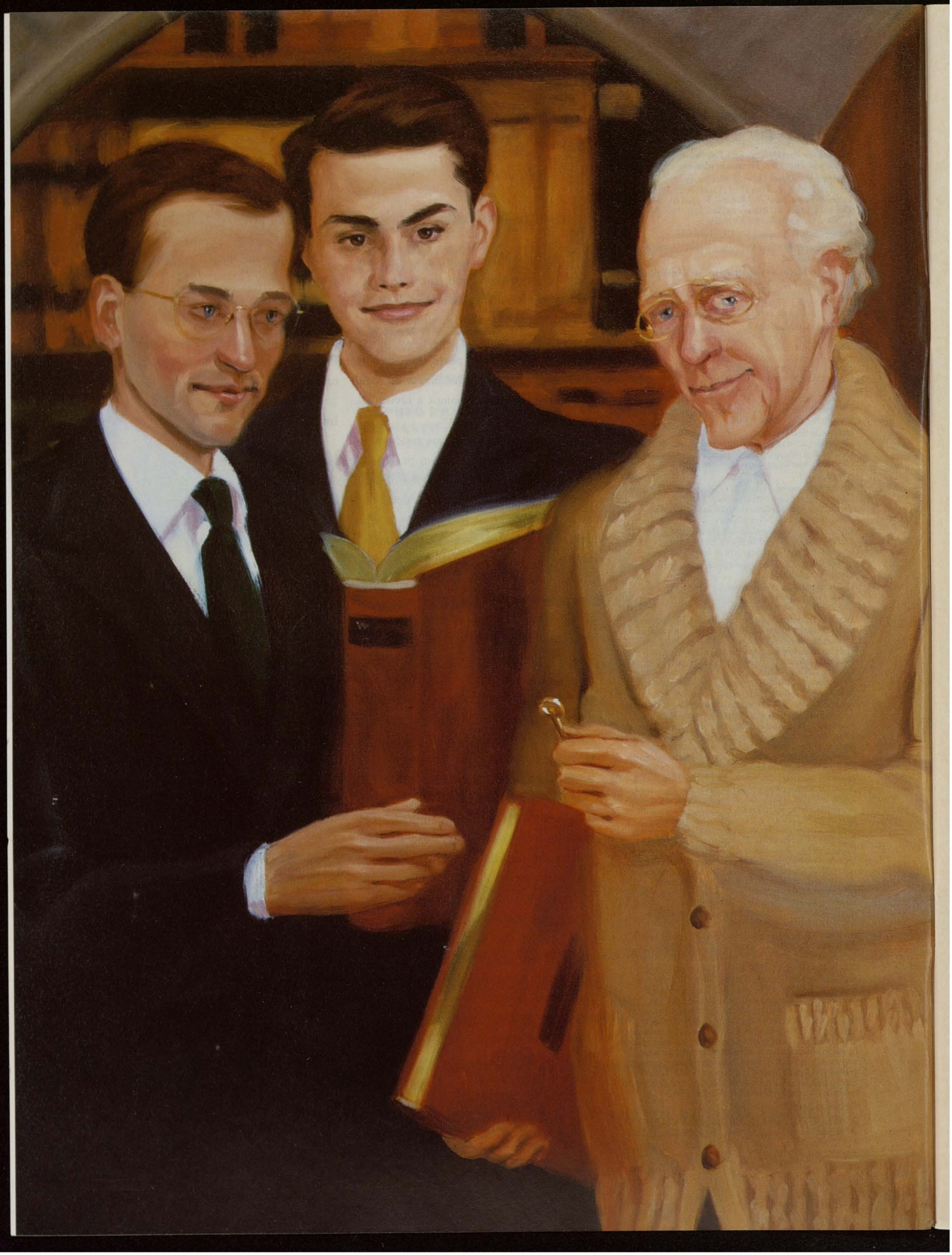
REATIVADO

Durante cerca de sete meses estive inativo na Igreja.

Mas comecei a ler cuidadosamente a *Liahona* (em espanhol) e descobri que os conselhos das Autoridades Gerais eram vigorosos e convincentes.

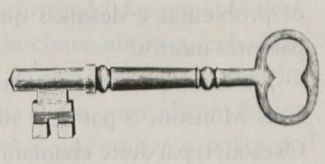
Baseado em minha própria experiência, convido a todos os que não estão ativos na Igreja a lerem e estudarem as mensagens da revista e das escrituras. Se assim o fizerem com coração submisso, seu testemunho se tornará tão forte que desejarão voltar para a Igreja.

Cristino Rodrígues
Isla Patrulla
Uruguai



A Chave da Fé

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



"Vou fazer algo que nunca fiz antes", disse o encarregado. "Vou emprestar-lhes a chave."

Há vários anos, antes de meu chamado como Autoridade Geral, tive a oportunidade de atender ao chamado de membro do Comitê de Genealogia do Sacerdócio e de ter o privilégio de visitar estacas e missões falando aos membros da Igreja a respeito deste assunto sagrado—talvez o menos compreendido de todos os programas da Igreja.

Nossa principal responsabilidade naquele tempo era convencer os membros da Igreja de que eles não precisavam ser especialistas, nem ter passado dos oitenta, nem ser genealogistas para entender a responsabilidade que jaz sobre cada um dos membros da Igreja de procurar registros de parentes mortos e realizar o trabalho que em nome deles tem que necessariamente ser realizado.

Acredito ter existido e ainda existir, um sentimento de que a pesquisa de história da família seja para um pequeno grupo de pessoas selecionadas e não para todos os membros da Igreja. Das várias conferências que realizamos

naquele tempo, uma das melhorias foi o desenvolvimento de organizações familiares. Por toda a Igreja, há uma crescente consciência da responsabilidade que temos com relação aos nossos familiares.

Por ter antepassados de diversos países (parte vinda da Suécia, com grandes problemas patronímicos, e parte vinda da Escócia e Inglaterra), penso ter herdado todos os problemas e desafios que se pode ter na busca de parentes mortos.

Em minha linhagem sueca, o nome de meu avô era Nels Monson; o pai dele não era Monson, mas Mons Okeson; o pai deste chamara-se Oke Pederson; e o deste, Peter Monson—cá estamos com Monson de novo—e seu pai era Mons Lustig, que era um nome do exército sueco para diferenciar os Petersons, os Johnsons e os Monsons uns dos outros quando entravam para o serviço militar.

Apesar da confusão, fico espantado com o sucesso alcançado pela associação da minha família com respeito a esta linhagem. Temos tido experiências semelhantes nas linhagens dos antepassados de minha mãe—as linhagens Condie e Watson.

Alguns anos atrás, eu e a irmã Monson tivemos oportunidade de visitar a Suécia e ir ao pequeno vilarejo de Smedjebacken, onde o pai dela, os onze tios e tias e os pais deles moravam numa pequena casa de dois cômodos. Sinto-me profundamente agradecido por ter sido meu tio-avô quem levou o evangelho a essa família escolhida. Recriei na mente a experiência que aqueles missionários devem ter tido, sentados junto à lareira, comendo alimentos aos quais não estavam acostumados, cumprimentando pessoas que eram gentis mas talvez um pouco desconfiadas e orando juntos para que a luz do céu abençoasse seu entendimento e que o resultado fosse a conversão ao evangelho de Jesus Cristo. Agradeci ao Pai Celestial por Sua divina ajuda.



PINTURA DE HAROLD COPPING

Não é significativo que quando Abraão foi testado em sua fé, não houvesse qualquer carneiro no mato, à vista? Em toda parte nas escrituras, a chave da fé prova ser um pré-requisito para o recebimento das bênçãos desejadas e necessárias.

O presidente de missão da Suécia na época era Reid H. Johnson, primo de minha esposa. Quando da viagem de nosso grupo com ele por aquela região, fomos a uma grande igreja luterana. Ao entrarmos, o presidente Johnson disse: "Acho que se interessarão por uma experiência que eu e meu companheiro, Richard Timpson, tivemos nesta cidade ao final de nossa missão, em 1948."

Ele disse: "Viemos a esta cidade porque sabíamos que a história de nossas famílias foi vivida e estava registrada aqui. Ao entrarmos na igreja, fomos recebidos por um encarregado de arquivos dos mais hostis. Quando soube que havíamos terminado nossa missão e que gostaríamos de inspecionar os arquivos dos quais ele tomava conta, disse que ninguém jamais examinara aqueles valiosos



registros, muito menos um mórmon. Declarou que os registros estavam trancados e mostrou a chave do cofre. Disse: 'Meu emprego, meu futuro e o sustento de minha família dependem do cuidado que eu tenha com a chave. Não, desculpem-me, mas não podem examinar os registros. Entretanto, se quiserem ver a igreja, terei prazer em acompanhá-los para mostrar a arquitetura e o cemitério—mas não os registros, pois são sagrados'".

O Presidente Johnson demonstrou sua profunda decepção. No entanto, disse ao encarregado dos arquivos: "Aceitaremos a gentil oferta". Durante todo o tempo, ele e seu companheiro oravam fervorosa e sinceramente para que algo fizesse o homem mudar de idéia e que ele os deixasse ver os registros.

Após longa caminhada pelo cemitério e pela igreja, o encarregado dos arquivos inesperadamente lhes disse: "Vou fazer algo que nunca fiz antes. Poderá custar-me o emprego, mas vou emprestar-lhes a chave por quinze minutos".

O Presidente Johnson pensou: *Quinze minutos! Tudo o que conseguiremos será destrancar a porta!*

O encarregado emprestou-lhes a chave. Eles abriram a porta e viram registros de valor inestimável por sua importância genealógica. Em quinze minutos, o encarregado voltou. Olhou para eles e viu que estavam ainda maravilhados com o que haviam achado.

Disseram: "Por favor, podemos ficar mais um pouco?"

"Quanto tempo?" O encarregado olhou para o relógio.

"Uns três dias", responderam.

Ele disse: "Nunca fiz isso. Não sei por que, mas confio em vocês. Aqui está a chave. Fiquem com ela e, quando terminarem, devolvam-na para mim. Virei aqui todas as manhãs às oito horas e todas as tardes às cinco horas".

Por três dias consecutivos, os dois missionários estudaram e registraram informações que ainda hoje usamos e que não poderiam ter sido obtidas de outra forma. O Presidente Johnson, emocionado, deu-nos a sua interpretação dessa experiência. Ele disse: "O Senhor verdadeiramente age de forma misteriosa ao fazer milagres". Quando ele fez tal afirmação, percebi que sua experiência havia também abençoado à irmã Monson e a mim, pois muitas informações que ele e seu companheiro obtiveram eram pertinentes a nossas famílias.

Pensei na chave que o encarregado dos arquivos dera aos dois missionários. Aquela chave abrira a fechadura que lhes revelara os nomes de que precisavam, mas há uma chave muito maior—uma chave que cada um de nós sinceramente procura obter e que abrirá a porta do tesouro dos conhecimentos que desejamos adquirir. Essa *chave é a fé.* Nesta obra, nenhuma porta se abrirá sem ela.

Testifico que, quando fizermos tudo o que pudermos para realizar o trabalho que está diante de nós, o Senhor nos permitirá obter a chave sagrada que destrancará o tesouro que tanto buscamos. (Ver Éter 12:6–22.)

O Presidente Hugh B. Brown declarou a alguns de nós, quando o Comitê de Genealogia do Sacerdócio foi organizado, que a obra missionária está indo avante no mundo espiritual a um passo acelerado, se comparado ao que acontece em nosso mundo. Ele então citou a afirmação do Presidente Joseph F. Smith, dizendo que todos aqueles que não tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho eterno na mortalidade o estão ouvindo agora:

"Este evangelho revelado ao Profeta Joseph já está sendo pregado aos espíritos em prisão, àqueles que passaram desta vida para o mundo espiritual sem o conhecimento do evangelho. Joseph Smith está pregando esse evangelho a eles. Do mesmo modo Hyrum Smith. Assim também Brigham Young e todos os apóstolos fiéis que viveram nesta dispensação sob a administração do Profeta Joseph" (*Doutrina do Evangelho*, p. 431).

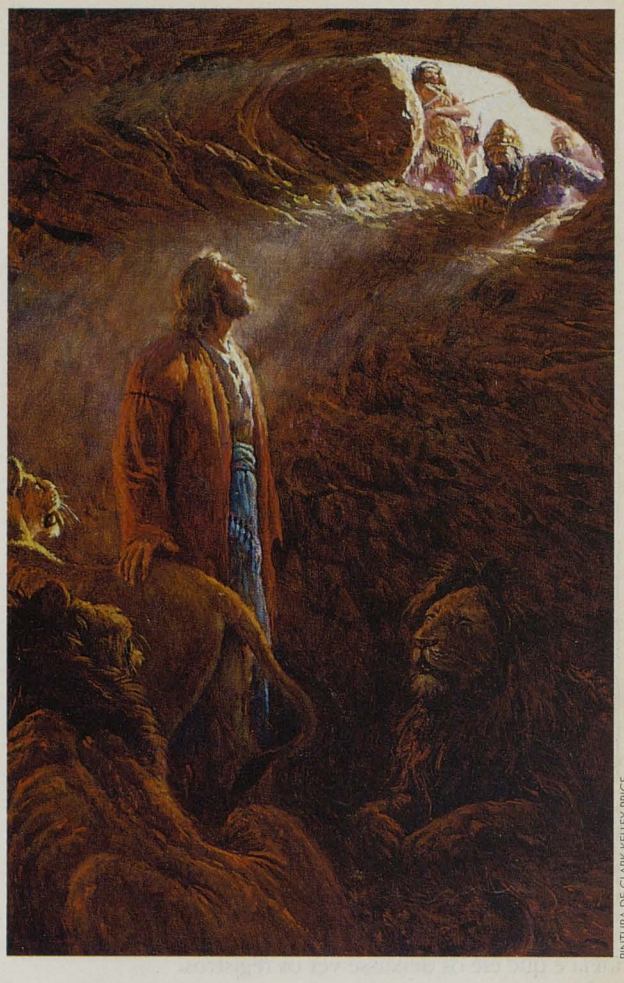
E como o Presidente Smith disse em 1916:

"Através dos nossos esforços em seu favor, as suas

correntes de escravidão serão rompidas, e as trevas que os cercam se aclararão para que a luz possa brilhar sobre eles, e saberão, no mundo espiritual, do trabalho que foi feito pelos seus filhos aqui, e se regozijarão conosco por termos cumprido estes deveres" (*Doutrina do Evangelho*, pp. 429–430).

Gosto da palavra *dever*. Ele não disse: " . . . se regozijarão conosco por termos cumprido uma *tarefa*, em resposta a um *chamado*." Ele disse: " . . . por termos cumprido estes *deveres*".

A pessoa que está trabalhando em sua história da família inclui-se na descrição daquela que está cumprindo seu dever. Eu conheço o tipo de esforço requerido, sei dos gastos, conheço as dificuldades por que se passa para descobrir um nome. Sei que nosso Pai Celestial está ciente desses esforços. E aqueles por quem realizamos ordenanças sagradas estão cientes dos nossos esforços. Freqüentemente, de forma miraculosa, abrir-se-á diante de nós um caminho nítido através das dificuldades.



PINTURA DE CLARK KELLEY PRICE

Não é significativo que quando Daniel foi ameaçado de ser jogado na cova dos leões, estes não estivessem usando focinheiras? Ele teve que ser jogado aos leões antes de receber as bênçãos de Deus.

Quando presidi a missão no leste do Canadá, havia uma amável senhora que era secretária do comitê genealógico em um de nossos distritos. Como ela trabalhava em sua designação! Essa adorável senhora era responsável por boa parte da pesquisa genealógica que havia sido feita em sua área, no Canadá. Ela havia, porém, chegado a uma barreira aparentemente intransponível, onde não conseguia penetrar. Dirigiu-se ao Pai Celestial, abriu-lhe a alma e literalmente lhe suplicou que interviesse de alguma forma para que o caminho fosse aberto. Sem esperar uma resposta específica, continuou seu trabalho.

Um dia, passando pela rua principal de Belleville, Canadá, parou numa velha livraria. Sentiu-se compelida a entrar e, ao olhar a enorme variedade de livros, seus olhos detiveram-se em dois volumes no alto de uma estante e sentiu que deveria examinar aqueles livros. Pediu ajuda ao balconista e, quando ele os entregou a ela, notou o título: *Pioneer Life On the Bay of Quinte*, (Vida dos Pioneiros na Baía de Quinte) volumes 1 e 2. Virou a primeira, a segunda e a terceira páginas. Os dois volumes continham nada mais, nada menos, que histórias de famílias da primeira à última página. Um dos volumes deu-lhe a chave que abriu a porta do mistério que frustrara seu trabalho. Ficou entusiasmada, até perguntar o preço e então seu entusiasmo se transformou em dúvida. "Duzentos dólares pelos dois volumes raros", disse o balconista. Contudo, o quórum de élderes do distrito pôde comprar os dois volumes, após seu valor ter sido comprovado. Os livros foram enviados para os arquivos genealógicos na Cidade do Lago Salgado e relatou-se que eles continham algumas das chaves

perdidas da pesquisa do finado Presidente Henry D. Moyle, da Primeira Presidência, pois alguns de seus antepassados procediam de Bay of Quinte, próximo a Belleville, Canadá. Uma grande bênção foi recebida porque uma boa mulher com "fé, não duvidando" cumpriu seu dever.

A sempre citada epístola de Tiago não se destina exclusivamente aos pesquisadores, mas também a mim e a vós:

"Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não o lança em rosto, e ser-lhe-á dada.

Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte" (Tiago 1:5–6).

Quaisquer que sejam os obstáculos encontrados, devemos buscar a companhia do Espírito Santo para orientar-nos sobre como resolver o problema. Testifico que o Espírito virá, o caminho se abrirá e a chave será fornecida.

Há alguns anos, a missão em Tonga era presidida pelo Élder John H. Groberg, muito antes de existir um templo naquele país. Numa ocasião, ele foi ao porto para dar as boas-vindas aos quarenta membros da Igreja que acabavam de chegar do Templo da Nova Zelândia. Haviam sacrificado tudo o que tinham para ir ao templo. Durante anos haviam vivido de modo simples a fim de guardar dinheiro para irem receber suas investiduras e bênçãos de selamento. Ao retornarem, esperavam que o Presidente Groberg os cumprimentasse com entusiasmo e os elogiasse por sua viagem. Ele mais tarde disse-me: "Não senti o desejo de cumprimentá-los; pelo contrário, senti-me propenso a discipliná-los um pouco". Ao desembarcarem, sorridentes, disseram: "O que acha de nossas realizações, Presidente Groberg?"

Ele respondeu: "Acho que são muitas. Fizeram uma longa viagem e suportaram muitas coisas, contribuindo grandemente com a felicidade daqueles por quem oficiaram. Mas quantos nomes eram de Tonga? Quantos eram seus antepassados?

Ao falar-lhes tão bela e fluentemente em tonganês, o povo reconheceu que, a não ser por suas investiduras e talvez por uns dois ou três nomes da família, as ordenanças que haviam realizado no Templo da Nova Zelândia poderiam realizar-se no Templo de Lago Salgado, ou no de Logan ou em qualquer outro templo por outro portador de recomendação. Uma visão da eternidade adveio-lhes à compreensão quando o Presidente Groberg lhes falou durante uma hora a respeito da responsabilidade que tinham para com os parentes mortos.

Tal experiência gerou um vivo interesse pela pesquisa de história da família nas ilhas tonganesas. Eles organizaram comitês de história da família e, a partir daí, já realizaram ordenanças por inúmeros antepassados.

Sou um homem de fé simples. Testifico que a inspiração recebida pelo Presidente Groberg foi resultado das súplicas daqueles que por muito tempo esperaram e ansiaram por serem soltos das correntes que os mantinham cativos, como disse o Presidente Joseph Fielding Smith, pessoas que estavam na escuridão, mas que agora desejam ver a luz do céu brilhando sobre elas, para que possam seguir rumo à exaltação.

Meus irmãos, não vos canseis de fazer o bem. Se sentis que vossa contribuição é pequena ou insignificante, lembrai-vos de que o valor das almas é precioso à vista de Deus. Temos a oportunidade de preparar o caminho e realizar as ordenanças, após séria pesquisa, para que as almas possam preparar-se para a glória que é sua oportunidade divina. É, então, de se admirar que, quando uma pessoa recebe testemunho deste trabalho, tenha o desejo de oferecer tanto por seu progresso e

avanço? É de se admirar que, no devido tempo, as barreiras se evaporem como a neblina ante o sol da manhã, quando uma pessoa tiver realizado o trabalho, passado no teste da fé e se qualificado para as bênçãos desejadas?

Em toda parte nas escrituras, a fé prova ser um pré-requisito para se receberem as bênçãos desejadas e necessárias. Abraão passou pela torturante provação de estar pronto a sacrificar seu precioso filho, Isaque, antes de ouvir as palavras: "Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único (Gênesis 22:12). Abraão tinha que ser testado em sua fé.

O profeta Daniel teve que ser atirado na cova dos leões antes de receber as bênçãos de Deus. Os três jovens hebreus foram jogados no *forno de fogo ardente* para que sua fé pudesse ser testada. Joseph Smith entrou num bosque tranqüilo e curvou-se em oração num teste de fé.

Não é significativo que, quando Abraão foi testado em sua fé, não houvesse qualquer carneiro no mato que *ele* pudesse ver? Não é significativo que, quando Daniel foi ameaçado de ser jogado na cova dos leões, estes não estivessem usando focinheiras? Não é significativo que os três jovens hebreus não estivessem usando roupas à prova de fogo quando foram atirados ao *forno de fogo ardente*? Não é significativo que quando Joseph, o jovem profeta, se prostrou de joelhos para pedir ajuda ao Deus Todo-Poderoso, Deus, o Pai, e Jesus, o Filho, não aparecessem até que sua fé tivesse sido testada?

Necessitamos da chave da fé. Nenhuma porta trancada pode resistir a ela. A fé é um requisito para essa obra. Está ao nosso alcance a chave que nos revelará o que buscamos fervorosamente.

Na seção 76 de Doutrina e Convênios está registrada uma visão dada a Joseph Smith, o Profeta, e a Sidney Rigdon em Hiram, Ohio, em 16 de fevereiro de 1832. Essa revelação contém a promessa do Senhor aos fiéis:

"Ouvi, ó céus, e dai ouvidos, ó terra, e regozijai-vos, vós habitantes dela, pois o Senhor é Deus, e além dele não há nenhum Salvador.

Grande é a sua sabedoria, maravilhosos os seus caminhos, e a extensão das suas obras ninguém pode descobrir.

Seus propósitos não falham, nem há ninguém capaz de reter a sua mão.

De eternidade em eternidade ele é o mesmo, e seus anos nunca falham.

Pois assim diz o Senhor—Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória.

E a eles revelarei todos os mistérios" (D&C 76:1–7).

A chave da fé pode ser nossa. Façamos sábio uso dela, revelando, assim, àqueles que se foram antes de nós, a grande visão de sua oportunidade no reino de nosso Pai Celestial. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. O evangelho está sendo pregado no mundo espiritual àqueles que estão em escuridão espiritual.

2. Temos o dever de descobrir os nomes de nossos antepassados e prover para sua própria felicidade, as ordenanças sagradas do evangelho.

3. A chave para descobrirmos os nomes de nossos antepassados é a fé em que o Senhor nos guiará nesse trabalho sagrado.

4. Os esforços de organizações familiares no cumprimento deste trabalho pode ser bastante eficaz.

5. Quando encontramos obstáculos, peçamos ajuda ao Espírito Santo para resolver os problemas.

FOTOGRAFIA DE TELEGRAPH COLOR LIBRARY—FPG

UM PODER MAIOR QUE EU MESMO



Cassandra Lin Tsai

Ao ser designada como uma das duas professoras da Escola Dominical da classe de Jovens Adultos em Taipei, Formosa, o bispo prometeu que o Espírito Santo me ajudaria sempre que precisasse. Na ocasião eu não tinha consciência de quão importante tal promessa seria.

Eu estava entre os mais jovens daquele grupo, o que me deixava nervosa. Era bom ter alguém que revezasse comigo. Ela dava a aula de um domingo, e eu a seguinte. Eu era cuidadosa na preparação das lições, e as pessoas diziam-me o quanto as apreciavam. Sentia que tudo estava sob controle.

Então, certo domingo, entrei na sala de aula e descobri que a outra professora, que deveria dar a aula naquele dia, não havia chegado. Estava pálida ao correr para lhe telefonar.

FOTOGRAFIA DE TELEGRAPH COLOR LIBRARY—FPG



FOTOGRAFIA DE HUANG HSIEN CHUAN

"Sinto muito", disse ela sonolenta. "Que horas são? Creio que perdi a hora." Ela ainda estava na cama, e a aula já deveria ter começado!

Ao atravessar o corredor rumo à sala de aula, o presidente da estaca cumprimentou-me com um sorriso. "Minha esposa e eu gostaríamos de assistir a sua aula hoje", disse alegremente. Apanhada de surpresa nada pude dizer, apenas concordei e sorri. Meu único pensamento era para com a aula que, se me lembrava corretamente, se baseava em 3 Néfi, capítulos 15 a 19.

Haviam-se passado sete minutos do horário de início da aula quando entrei na sala. O presidente da classe proferiu a oração. Então, com as mãos trêmulas, abri o Livro de Mórmon. Planejara pedir aos alunos que prestassem testemunho, pois não sabia o que mais poderia fazer. Contudo, ao começar a ler as escrituras, senti um poder maior que eu mesma ajudar-me a selecionar versículos apropriados para o debate. Minha língua soltou-se, da mesma forma que o Senhor prometera a Oliver Cowdery: "E em todos os tempos e em todos os lugares, tanto de dia como de noite, deverá abrir sua boca e declarar o meu evangelho, como com voz de trombeta. E dar-lhe-ei força tal como não é conhecida entre os homens" (D&C 24:12).

Jamais em minha vida sentira tamanha humildade. Sabia não ser eu, mas o Espírito, que ensinava. Senti-me como sendo o instrumento musical do Senhor, e, por meu intermédio, Ele enchia a sala de aula com uma linda harmonia. Fui dominada de tal forma que me senti enfraquecida fisicamente.

Com alegria, li para os alunos a cena profundamente tocante de quando o Salvador disse aos nefitas: "Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria. E depois de ter dito estas palavras, chorou" (3 Néfi 17:20–21).

Não havia nenhum som na sala. Todos tinham lágrimas nos olhos.

Para mim, o relato que lêramos significava mais do que meras palavras. Em minha mente, podia, com clareza, ver o Salvador e os discípulos fiéis a Seu redor. Sentia que o Salvador estava próximo de nós, e nós Dele.

Finalmente, li a oração do Salvador aos nefitas quando Ele rogou que "em virtude de sua fé, . . . [fossem] purificados em mim e para que eu possa estar neles, como tu, Pai, estás em mim; para que sejamos um e eu seja glorificado neles" (3 Néfi 19:29). "Pensem a respeito disso", disse eu à classe. "Nosso Salvador pode ser glorificado em nós, se nos purificarmos e nos tornarmos um com o Senhor. Que felicidade e que bênção!"

Então, chorei.

Esta experiência maravilhosa foi o cumprimento da promessa do bispo. Ensinou-me a respeito do grande amor que o Salvador tem por nós e também que o Espírito está sempre presente para nos ajudar, se vivermos dignamente e seguirmos o conselho dos que nos presidem em retidão. □

FOTOGRAFIA DE HUANG HSIEN CHUAN

Ao começar a ler as escrituras para a classe, minha língua soltou-se. Sabia não ser eu, mas o Espírito, que ensinava.



A ARTE DE TENTAR

Janet Thomas

PINTURAS DE BRAD CHIDESTER; FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



Se você entrasse na sala de estar de Stan Chidester, notaria que as paredes estão cobertas com pinturas—aquarelas impressionistas, abstratos dramáticos e montagens intricadamente executadas. Sua suposição seria de que Stan é um grande fã de todas estas obras de arte, mas talvez não imaginasse que o irmão de Stan, Brad—o jovem muito magro locomovendo-se pela sala em uma cadeira de rodas—fosse o artista!

Brad Chidester, Sandy, Utah, tem estado confinado a uma cadeira de rodas por quase toda a vida, pois sofre de distrofia muscular. Quando criança, sua foto foi usada em um cartaz para levantar fundos para a cura dessa doença. Suas habilidades artísticas já eram aparentes desde bem pequeno. Como tantos outros meninos, ele adorava caminhões e estava sempre desenhando esboços. Veículos com rodas eram seus favoritos.

Seu amor pelo desenho lhe dá a oportunidade de alegrar outras pessoas e ajuda-o também a ganhar amigos interessantes. Quando Brad tinha onze anos de idade, ele assistia a uma corrida de carros na televisão. Ficou impressionado ao ver a batida de um carro que causou um incêndio nos boxes. Um dos homens gravemente feridos era Derrick Walker, o treinador de uma equipe de corrida.

"Desenhei um carro de corridas e enviei-o ao hospital. Depois disso, ele me enviou uma carta agradecendo. Temos sido amigos desde aquela época", diz Brad. Essa simples correspondência transformou-se em um relacionamento especial. A partir daí, Walker e Roger Penske, um outro amigo piloto, têm levado Brad e um acompanhante como convidados a corridas importantes todo ano.

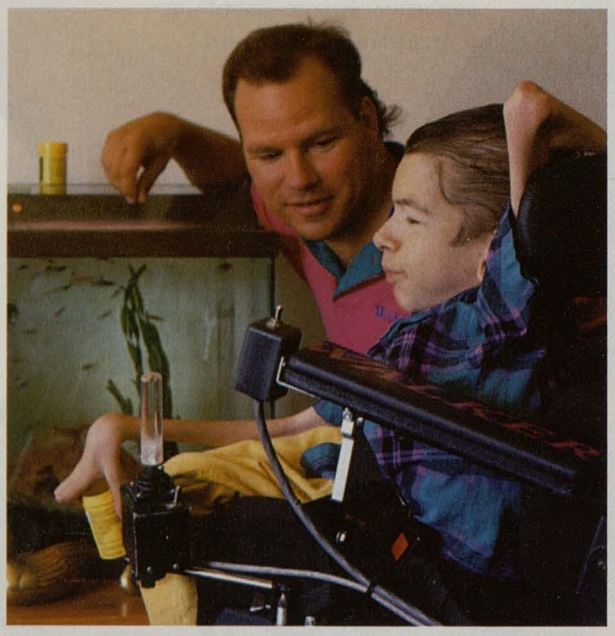
Quando Brad estava na escola secundária, um de seus professores de arte iniciou-o na aquarela, que acabou se tornando sua técnica favorita. "Gostei e simplesmente passei a utilizá-la", disse Brad. "Então uma das secretárias comprou uma de minhas paisagens. Isso realmente me incentivou. Descobri



que poderia fazer algo que me ajudasse a ganhar algum dinheiro".

Brad chegou a ser nomeado Estudante Padrão de Utah em artes visuais (prêmio para uma realização escolar de destaque na escola secundária). Ele assistiu a algumas aulas de artes gráficas na faculdade e seu trabalho começou a ser aceito para mostras em galerias. Embora ele ainda seja um artista que luta para sobreviver, a procura por seu trabalho vem crescendo.

Para manter-se a par das idéias e das coisas que o interessam, Brad e sua família levam a máquina



fotográfica aonde quer que vão. Tiram fotos do que interessa a ele, como artista. Ele também ampliou seu estilo. Por muito tempo, seus desenhos foram realistas. Com o passar dos anos ele tem tentado novas propostas. "Sempre pensei que qualquer um poderia trabalhar com arte abstrata", diz Brad. "Quando nos envolvemos com ela, percebemos o quanto é difícil. Agora é uma das coisas a que mais gosto de me dedicar".

O pai e os três irmãos mais velhos cuidam de Brad. Sua mãe morreu há alguns anos. Embora aprecie tudo o que a família faz por ele, quando lhe perguntam o que gostaria de mudar em sua vida, Brad diz: "Gostaria de ser mais independente". Com esse princípio, Brad prepara-se para ir ao templo.

Embora seja um artista talentoso, Brad sofre seu quinhão de rejeição. "Recebo muitas cartas de recusa de galerias", diz Brad. "Mas não posso deixar que isso me aborreça. Tenho que seguir em frente".

Não somente ele segue em frente, mas também divide seu sucesso com outros. Todo ano ele doa pinturas à Associação de Distrofia Muscular para serem leiloadas, sendo o dinheiro obtido utilizado na luta contra a moléstia.

É óbvio que Brad descobriu o segredo para desenvolver os talentos que Deus lhe deu. Diz ele: "Se estiver realmente interessado em algo, busque-o com todo empenho". Para um homem cujas limitações físicas seriam desculpa suficiente para não tentar, ele seguiu seu próprio conselho. É um verdadeiro artista.

O QUE DIZ BRAD A RESPEITO DA AJUDA

Brad recorda-se de seus dias de escola secundária e das coisas que as pessoas faziam, que o ajudavam, e das coisas que o machucavam. Suas sugestões podem ser úteis na próxima vez que encontrarmos alguém com alguma incapacidade.

1. "Alguns meninos pareciam ter medo de ferir meus sentimentos, então simplesmente me evitavam. Eu gostava quando alguém tentava conhecer-me."

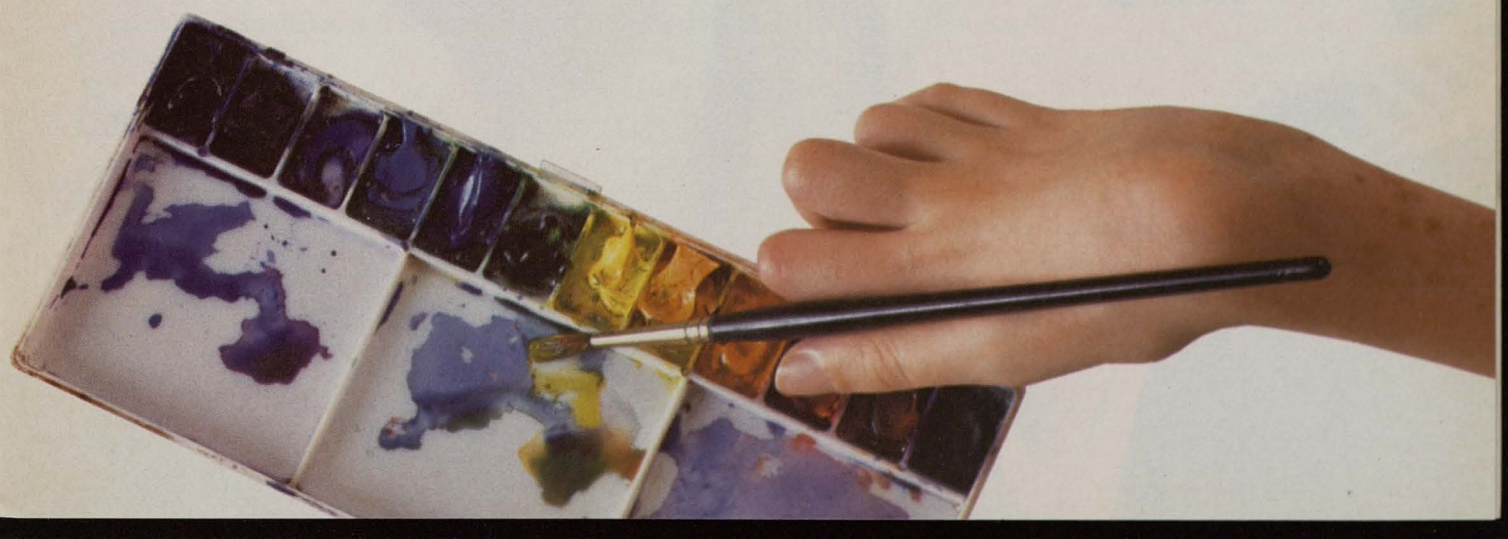
2. "Algumas pessoas sentem pena de mim e esforçam-se muito para serem agradáveis. Prefiro quando me tratam como uma pessoa normal. Não tenham medo; mas não exagerem."



3. "Fico aborrecido quando as crianças fazem perguntas e os pais mandam que se calem. As criancinhas são ótimas."

4. "Aprecio quando as pessoas falam comigo. É o melhor jeito de aprender como agir no convívio com alguém que tem limitação. Pergunte-lhes." □

Brad Chidester descobriu o segredo para desenvolver os talentos que Deus lhe deu, e a procura por seu trabalho vem crescendo. Ele também divide seu sucesso com outros, doando pinturas à Associação de Distrofia Muscular. *Página oposta:* Brad com seu irmão, Stan.





ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS

"Até Parece que Não Me Conhecem"

Phil Reschke

Era uma espécie de ritual. Vencêssemos ou perdêssemos, depois de um jogo de futebol nós todos entrávamos em meu velho carro verde e íamos a nossa pizzaria favorita. O local estava sempre apinhado de gente, especialmente após uma vitória. Naquela noite, estavam todos lá, depois de derrotarmos nossa escola rival.

Quando a equipe chegou, o local estava lotado. Consegui achar um canto onde sentar e comecei a procurar Dave, meu irmão mais velho.

Dave sempre parecia estar no centro das atividades. Sua personalidade descontraída fazia com que as pessoas gostassem de estar perto dele. Embora morássemos no Colorado havia bem pouco tempo, ele já fora eleito presidente do corpo estudantil de nosso colégio.

Dave era bem mais popular que eu na escola, mas sempre me deixava ficar com ele e seus amigos —especialmente após tê-lo ultrapassado em tamanho. Eu ficava orgulhoso de ser chamado "o grande irmãozinho do Dave". Enquanto a multidão no restaurante crescia, consegui localizar meu irmão numa mesa perto do centro do salão. De repente, alguém gritou: "Ouçam todos, hoje Dave faz dezoito anos. Agora ele é um homem".

Outro acrescentou: "É, agora ele é maior de idade". Na época, a lei do Colorado declarava que as pessoas com dezoito anos podiam comprar e beber cerveja. Para o punhado de mórmons de nossa escola, fazer dezoito anos era apenas mais um aniversário. Para a maioria de nossos colegas de classe, no entanto, tornar-se "maior" era um grande acontecimento.

Pouco a pouco, as pessoas começaram a aglomerar-se em volta da mesa de Dave e logo todos se uniram num barulhento coro de "Feliz Aniversário".

"Feche os olhos, Dave", alguém gritou. A multidão abriu caminho para alguém com um enorme, espumante e dourado copo de cerveja, que foi metido nas mãos de Dave. Toda a multidão rompeu em entusiasmados gritos e aplausos. Do canto onde estava, eu observava Dave e imaginava o que ele faria. Ele sempre fora o meu exemplo. Sempre fora fiel. Bem, é claro que ele nunca encarara uma situação como aquela antes. Vi-o olhar para a multidão que o circundava. Acho que não me viu observando-o de meu canto.

Finalmente, após o que pareceu uma eternidade, ele se levantou. Pegou o copo de cerveja e ergueu-o vagarosamente no ar. Meu coração batia aceleradamente e imagino que o dele também. Alguém pediu silêncio e todos se calaram.

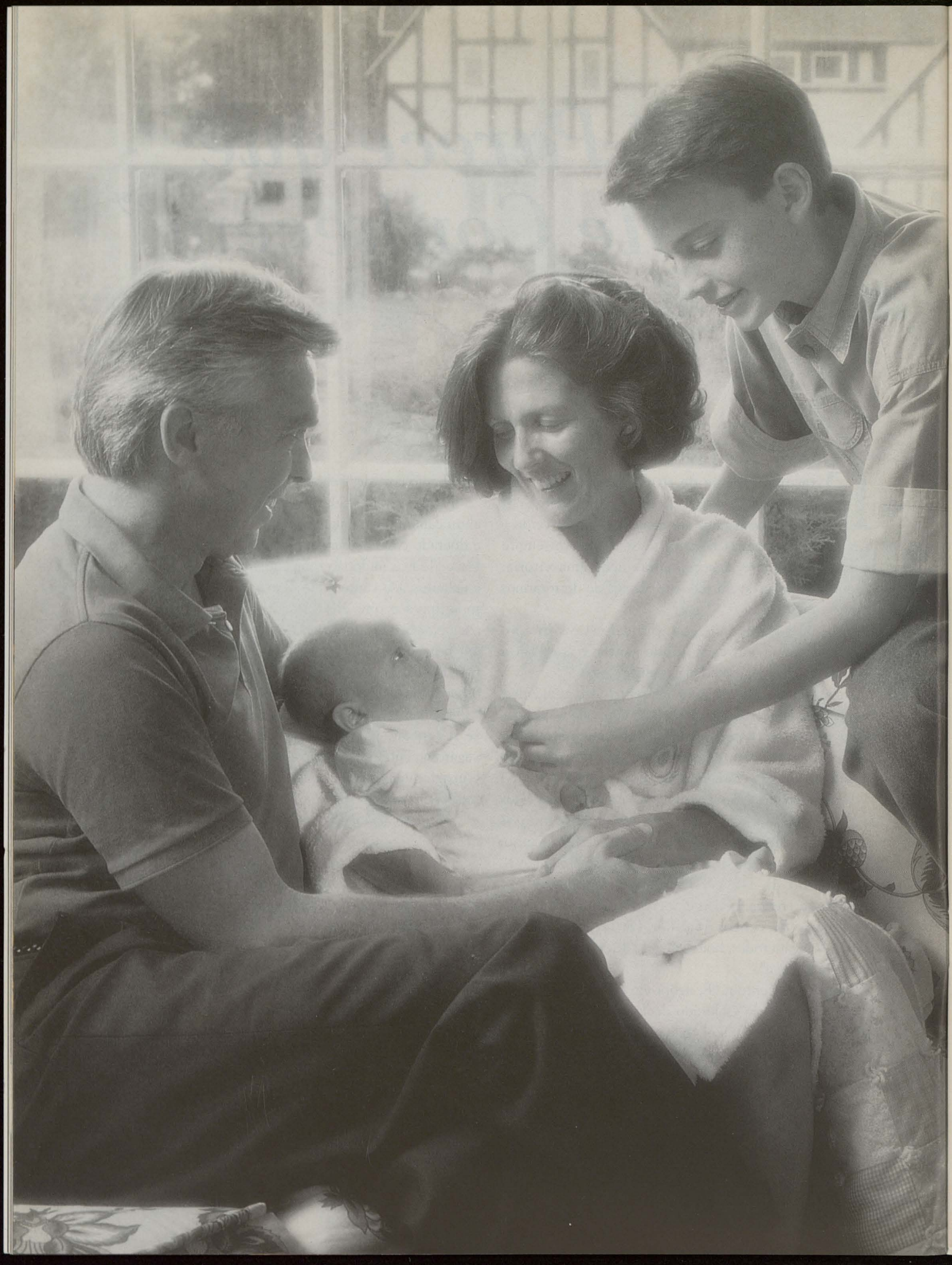
"Só quero agradecer a todos por pensarem em mim no dia do meu aniversário", disse Dave, enquanto olhava para o copo. "Mas, vamos lá, pessoal. Até parece que não me conhecem . . . De qualquer modo, obrigado." Enquanto ele baixava o copo e se sentava, um murmúrio de decepção soou pela sala. Alguém comentou que os mórmons não tinham graça.

Mais tarde, eu e Dave saímos na atmosfera revigorante do outono, em direção a meu carro. "Dave, por um minuto tive medo de que não resistisse à pressão e fizesse algo estúpido", eu disse.

Ele só deu de ombros e comentou: "A pressão não foi grande, porque eu não tive que tomar qualquer decisão hoje. Já havia decidido há muito tempo que guardaria a Palavra de Sabedoria. Assim é muito mais fácil".

Sorri. Indo para casa, sentia-me orgulhoso, como sempre, de ser o grande irmãozinho do Dave. □

ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

AJUDAR OS JOVENS A ESCOLHEREM PUREZA SEXUAL

Joy Saunders Lundberg

Por toda parte encontramos sinais incontestáveis de que devemos dar grande prioridade ao ensino de pureza moral a nossos filhos. No passado, podíamos contar com a sociedade como ajuda, mas isso já não é possível. Na verdade, a sociedade em geral parece ter passado para o lado do inimigo, aceitando a imoralidade como um convidativo estilo de vida.

Entretanto, ao contrário do que alguns setores da mídia gostariam que acreditássemos, existem ainda redutos de moralidade em nossa sociedade. Milhões de pais estão tentando combater o mal que nos cerca. Certamente nós, da Igreja, compreendemos nossa responsabilidade de impedir o avanço da imoralidade e ensinar outros a fazerem o mesmo.

Ao longo dos últimos cinco anos, tenho conversado com muitos pais, bispos e jovens sobre a moralidade sexual. Descobri que famílias com filhos moralmente limpos seguem padrões de educação semelhantes. Esses padrões podem ser resumidos em cinco diretrizes:

Os filhos precisam saber que seu corpo é sagrado e foi criado por um Pai Celestial amoroso, e que têm a responsabilidade divina de proteger e nunca corromper suas funções de reprodução.

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

SER ABERTO E AMOROSO AO ENSINAR

Devemos ser os primeiros a ensinar nossos filhos sobre sexualidade, pois as primeiras informações podem ter o maior impacto. Devemos, cuidadosamente e em espírito de oração, planejar como vamos ensinar-lhes as funções sexuais básicas do corpo.

Devemos também reconhecer que essa instrução não será dada apenas uma vez; depois da primeira "aula", não podemos dizer a nós mesmos: "Ufa! Ainda bem que acabou!" A necessidade de mais informações cresce à medida que a criança cresce. Devemos estar prontos a responder a suas perguntas, sem constrangimento e seguindo a orientação do Espírito. Os filhos precisam saber que seu corpo é sagrado e foi criado por um Pai Celestial amoroso, e que têm a responsabilidade divina de proteger e nunca corromper suas funções de reprodução.

Um jovem, que sempre teve uma vida moralmente pura, disse-me: "Meus pais começaram a ensinar-me a respeito de sexo quando eu era apenas um menino". Além



de lhe explicarem o processo biológico, eles ensinaram-lhe o papel digno da sexualidade no casamento. "Sempre me senti livre para perguntar-lhes qualquer coisa e muitas vezes os procurei para obter respostas".

Normalmente, iniciar uma discussão a respeito de assuntos íntimos é difícil para os filhos. Os pais podem ajudar, criando oportunidades para que façam perguntas. Pescarias foram o meio perfeito que um pai encontrou para conversar a sós e sem interrupções com o filho. Uma mãe cuidadosa criou oportunidades de conversar a sós com cada uma das filhas adolescentes, almoçando ocasionalmente com uma de cada vez. Na maioria das vezes, porém, as oportunidades ocorrem naturalmente durante os afazeres domésticos ou outras atividades em conjunto.

Alguns pais, talvez por se preocuparem tanto em ensinar corretamente esses conceitos, acabam absolutamente não ensinando nada. No mundo de hoje,

Normalmente, iniciar uma discussão a respeito de assuntos íntimos é difícil para os filhos. Os pais podem ajudar, criando oportunidades para que façam perguntas. Na maioria das vezes, as oportunidades ocorrem naturalmente durante os afazeres domésticos ou outras atividades em conjunto.

isso pode levar a uma tragédia. Para sugestões de como ensinar os filhos a respeito da sexualidade, pode-se recorrer ao livreto *Guia para os Pais*, preparado pela Igreja.

ENSINAR A DOUTRINA DA IGREJA CONCERNENTE À MORALIDADE

Nossos líderes eclesiásticos nos deram uma definição clara do que o Senhor espera de nós no tocante à pureza sexual. No folheto *Para o Vigor da Juventude*, eles declararam: "O Senhor proíbe especificamente certos comportamentos, incluindo todas as relações sexuais antes do casamento, carícias íntimas, perversão sexual (como homossexualismo, estupro e incesto), masturbação, ou preocupação com sexo no pensar, no falar, ou no agir" (página 15). Devemos certificar-nos de que nossos filhos entendam estas palavras no contexto do evangelho; se não fizermos isso, alguma outra pessoa sem o Espírito os ensinará num contexto diferente.

Precisamos ajudar nossos pré-adolescentes e adolescentes a entenderem as palavras do Presidente Ezra Taft Benson: "Na classificação de crimes, só assassinar e negar o Espírito Santo vêm antes de relações sexuais ilícitas, a que chamamos fornicação quando envolve uma pessoa não casada, ou adultério (pecado ainda mais sério) quando envolve uma pessoa casada . . . Aos olhos de Deus, a castidade nunca será antiquada". Em outra ocasião, o profeta disse: "Os nossos valores morais confundiram-se tanto, que um jovem não ousaria fumar um cigarro, mas tranqüilamente se envolveria em carícias íntimas. As duas ações estão erradas, mas uma é infinitamente mais séria do que a outra" (*The Teachings of Ezra Taft Benson*, Salt Lake City: Bookcraft, 1988, pp. 279, 281).

A situação a seguir, relatada a mim por um rapaz, provavelmente não teria acontecido se um ensinamento eficaz tivesse sido transmitido. Uma jovem SUD que trabalhava no mesmo local que ele confiou-lhe que ela e o namorado, o qual planejava cumprir missão, algumas vezes praticavam imoralidades. O rapaz informou a moça que de maneira nenhuma seu namorado seria digno de sair em missão. Sua resposta foi: "Oh, sim, ele sairá. É só nos arrependermos".

Nossos filhos precisam adquirir uma clara compreensão de que "o Senhor não se agrada . . . da pessoa que se entrega a transgressões sexuais de qualquer natureza, e depois espera que uma confissão planejada e um arrependimento rápido satisfaçam ao Senhor" (Ezra Taft Benson, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 84). Com relação ao serviço missionário, uma séria transgressão sexual pode retardar a missão em no mínimo um ano e em até três anos.

Precisamos ensinar o arrependimento, mas precisamos ser honestos ao ensinar. O Presidente Benson disse: "Não é minha intenção fazer alguém acreditar que não há esperança para a pessoa que cometeu um erro grave, pois arrependimento e perdão também são parte do evangelho. Ainda bem que é assim! Mas o arrependimento precisa ser verdadeiro. Esse arrependimento é uma profunda e sincera tristeza causada pelo pecado, que acarreta uma mudança de vida. Não é apenas uma confissão da culpa" (*God, Family, Country: Our Three Great Loyalties*, Salt Lake City, Deseret Book Company, 1974, p. 196).

ENSINAR COMO FAZER ESCOLHAS SÁBIAS

Os filhos devem entender que a sensibilidade sexual que possuem é natural e dada por Deus e que eles têm o poder de controlar a expressão dessa sensibilidade. Devemos ajudá-los a compreender a bênção de possuírem o grande dom do livre-arbítrio. "Reanimai, pois, vossos corações e lembrai-vos de que estais livres para agir por vós mesmos; para escolher o caminho da morte eterna ou o da vida eterna" (2 Néfi 10:23).

Quem preferiria morte eterna à vida eterna? Talvez apenas aqueles que não são experientes na arte de

Palavras e gestos amorosos tornam o lar um local agradável. Quando os pais demonstram amor um pelo outro, os filhos aprendem os aspectos positivos do casamento e da vida em família, assim como as bênçãos de manterem-se moralmente limpos.

escolher. Segundo um bispo do Texas, "muitos pais não estão permitindo que os filhos tomem até mesmo as decisões mais simples. Como poderão fazer escolhas com conseqüências eternas, se não podem escolher nem as próprias roupas, estilo de cabelo, diversões, etc.?" Em algumas escolhas os pais devem orientar mais e em outras menos. Os filhos podem aprender a escolher adequadamente amigos, música, filmes e outras coisas, se, com amor, nós os ajudarmos a considerar os efeitos que essas escolhas poderão ter em sua moralidade.

Em seu discurso na conferência geral de abril de 1991, o Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze, relacionou diretrizes que regem as boas escolhas. Da maior importância, disse ele, é "[reconhecermos] o Salvador, seus ensinamentos e sua igreja como centro de [nossa] vida. [Certifiquemo-nos] de que todas as decisões obedecem a este padrão" (*A Liahona*, julho de 1991, p. 36).

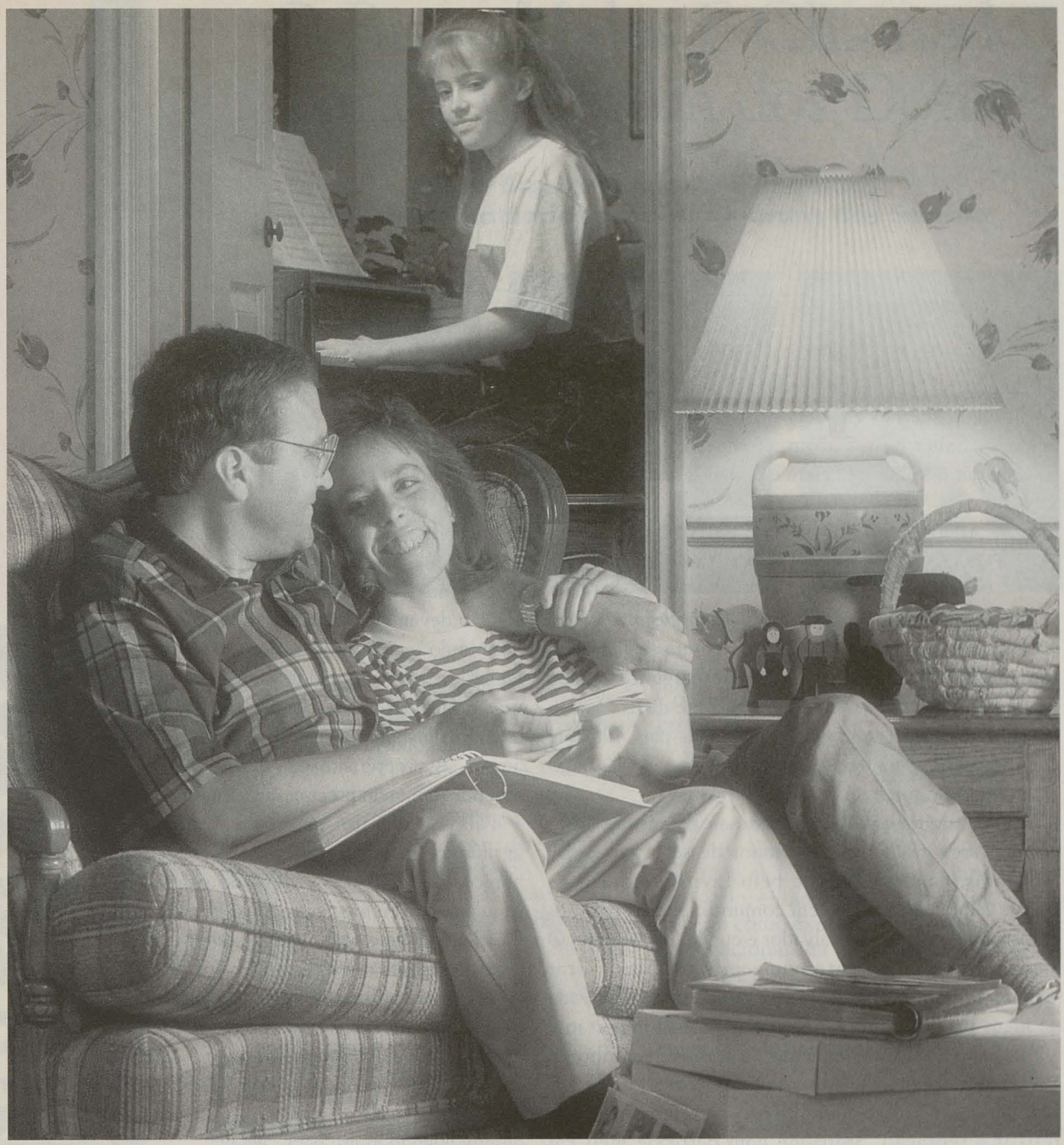
Quando perguntaram a um pai como ele criara filhos tão bons, a resposta foi: "Eu não considerava as más escolhas deles como tragédias de que devessem envergonhar-se, mas como oportunidades de ensiná-los". Ele lhes perguntava: "Como se sente a respeito disso? Quais seriam as possíveis conseqüências desse comportamento?" Ele resistia ao desejo de resolver os problemas dos filhos. Em vez disso, procurava pacientemente preservar o relacionamento pai-filho, ao mesmo tempo que desenvolvia neles auto-estima e autoconfiança.

Usando histórias, exemplos e analogias—e resistindo ao impulso de fazer um sermão no final—podemos ajudar os filhos a analisarem situações e fazerem escolhas sábias. Por exemplo, o Presidente Benson disse: "Guardai e protegei vossa virtude como defenderíeis a própria vida" (*A Liahona*, janeiro de 1987, p. 84). Para ajudar a juventude a entender a seriedade desta declaração, uso a seguinte analogia: Se estivesse andando por uma rua escura à noite e, sentindo que alguém o seguia, virasse e visse um estranho a perseguir-lo com uma faca levantada, o que faria? Eles sempre respondem: "Correria a toda velocidade". Então eu comento: "Quer dizer que não ficaríeis ali pensando: 'Bem, algumas facadinhas não machucariam muito'?" Eles riem diante da idéia absurda. Então eu repito as palavras do profeta: "Guardai e protegei vossa virtude como defenderíeis a própria vida".

Esse método de ensinamento, sem precisar de ameaças, faz com que o jovem pense: "O que aconteceria se . . . ?" O pai de uma família que usa esse método diz que funciona muito bem. Alguém, por exemplo, pergunta: "O que faria se seu(sua) namorado(a) tentasse fazer-lhe carícias íntimas?" Então os outros dizem o que fariam em várias situações. Decidir antecipadamente é uma grande vantagem para se fazer escolhas certas.

Meu marido, Gary, que é terapeuta de assuntos matrimoniais e familiares, relata valiosas reflexões a respeito da comunicação pai-filho. "Fazer perguntas simples e depois ouvir é uma maneira ótima de fazer o filho pensar", ele sempre diz aos pais. Eu já o vi fazer isso em nosso lar e estou tentando fazer o mesmo.

Por exemplo, um dia nosso filho chegou da escola desanimado. Eu disse: "O que foi? Parece triste". Ele respondeu: "Jim [esse não é seu verdadeiro nome] é um idiota". Eu perguntei: "O que aconteceu?" Fiquei surpresa com o que ouvi: "Começou a convidar a namorada para ir à casa dele todo dia depois da escola, desde que sua mãe começou a trabalhar". Resistindo à tentação de iniciar um belo sermão a respeito de moralidade, eu disse: "Humm". E ele disse: "É tão estúpido. Ele está querendo encrenca". Aquilo foi, definitivamente, bastante semelhante ao que eu teria dito, só que mais conciso. Perguntei: "Que quer dizer?" Então ele derramou uma enxurrada de conhecimentos a



respeito dos perigos de se estar a sós em casa com a namorada. E não parou aí. Falou sobre todos os lados da questão, incluindo os terríveis efeitos das doenças venéreas e do aborto. Tudo que fiz foi ouvir e concordar. Estou convencida de que ele teria ouvido bem pouco se o sermão fosse feito por mim.

Outra mãe sugeriu uma maneira diferente de ajudar os filhos a ponderarem as opções: "Acho que as advertências são mais prontamente aceitas quando discuto um artigo dos jornais que me preocupa. Meu marido e eu discutimos o assunto enquanto nossos filhos absorvem as informações. Assim eles nunca acham que estou passando um sermão". Ela não fazia qualquer esforço para forçar o filho a entrar na conversa, simplesmente "contava com o impulso dos adolescentes de dar opiniões—especialmente quando pensam que ninguém as pediu" (Ray Guarendi, "Why Some Kids Listen", *Readers Digest*, janeiro de 1991, p. 120). Um

acontecimento parece ter credibilidade quando aparece nos jornais, mesmo que seja na coluna dos conselhos pessoais. Saber desses acontecimentos e entendê-los pode ajudar os filhos a fazerem escolhas sábias.

AJUDAR NO DESENVOLVIMENTO DE FORTES TESTEMUNHOS DO EVANGELHO

Repetidamente, rapazes e moças têm-me dito que o fator mais importante na escolha da pureza sexual é um testemunho de Jesus Cristo. Quando perguntei a uma jovem como adquirira testemunho, ela me disse: "Vejo a importância que a Igreja tem para meus pais. Eles me contam suas experiências espirituais e eu vejo lágrimas de testemunho surgirem em seus olhos".

Um rapaz que se preparava para sair em missão disse-me que crescera sentindo o amor de seus pais pelas escrituras, particularmente pelo Livro de Mórmon. "Nossa família estudava-o em conjunto. Nossos pais nos ensinaram a respeito do Salvador e eu vi o quanto eles O amavam. Gradualmente comecei a estudar e orar sozinho. Queria em minha vida a alegria que via na vida de meus pais". Depois ele acrescentou esta importante afirmação: "Com o crescimento de meu testemunho do Salvador, soube que nunca poderia desapontá-lo".

Uma jovem disse-me: "Oro continuamente para resistir à tentação. Sinto-me bem perto de meu Pai Celestial. Posso contar-lhe qualquer coisa e sempre esperar ajuda". Relatando como obtivera tal testemunho, ela disse: "Cresci conhecendo o poder da oração, observando meus pais".

Devemos dar oportunidades a nossos filhos de adquirirem testemunho forte. Para isso, nosso próprio testemunho deve ser continuamente alimentado e compartilhado com eles. Ver os pais encararem os desafios da vida com fé e senso de compromisso pode ser o fator mais importante no desenvolvimento do testemunho para um filho.

CRIAR UM AMBIENTE FELIZ EM CASA

Precisamos gostar da vida em casa. Um pai de adolescentes disse: "Divertir-nos com nossos filhos tem sido uma chave para ajudá-los a fazerem a opção pela moralidade. Minha esposa e eu enfatizamos que ser bom é divertido". Então eles tentam prová-lo. "Nós tentamos divertir-nos e tem dado certo".

Não devemos transmitir o sentimento de que é o fim do mundo quando nossos filhos cometem erros. Um pai lembrou: "Meu filho adolescente cometeu um erro bobo que poderia ter-lhe tirado a vida. Em vez de ficar irritado, eu apenas o segurei nos braços e disse-lhe que o amava. A própria situação ensinou-lhe o que precisava aprender e eu não precisei dizer mais nada".

Palavras e gestos amorosos tornam o lar um local agradável. Lembro-me que cresci recebendo muitos abraços de meus pais e ouvindo elogios regularmente. Meu pai morreu há alguns anos, mas até hoje me lembro da felicidade que sentia quando ele me abraçava e dizia: "Fica tão bonita nesse vestido".

Ter uma brilhante perspectiva de vida, apesar dos problemas, incentiva a moralidade. Tenho aprendido muito com uma amiga, que está criando os filhos sozinha, cuja fé e semblante alegre têm abençoado seus filhos incomensuravelmente. "Eles estão se desenvolvendo muito bem", ela diz.

Um bispo de Wisconsin comentou: "Vejo uma característica comum às famílias bem sucedidas—os pais estão presentes na vida dos filhos. Não somente sabem o que se passa com os filhos, mas são parte do que acontece. E sabem como se divertir. Eles se importam".

Por meio da oração e da diligência em guardar os mandamentos do Senhor, podemos ser guiados pelo Espírito no esforço de ajudar nossos filhos a terem uma vida moralmente limpa. O Pai Celestial estará conosco; afinal, são filhos dele também. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1994



SPENCER W. KIMBALL

Kellene Ricks Adams



1. O jovem Spencer Kimball passou muitas horas ajudando o pai na fazenda da família. Ele recolhia o feno, plantava sementes, arrancava o mato do jardim e pintava o celeiro e a casa.

ILUSTRADO POR PAUL MANN



2. E todos os dias o jovem Spencer ordenhava as vacas. Não havia máquinas para ordenha naquela época, e ele gastava muito tempo para completar a tarefa.



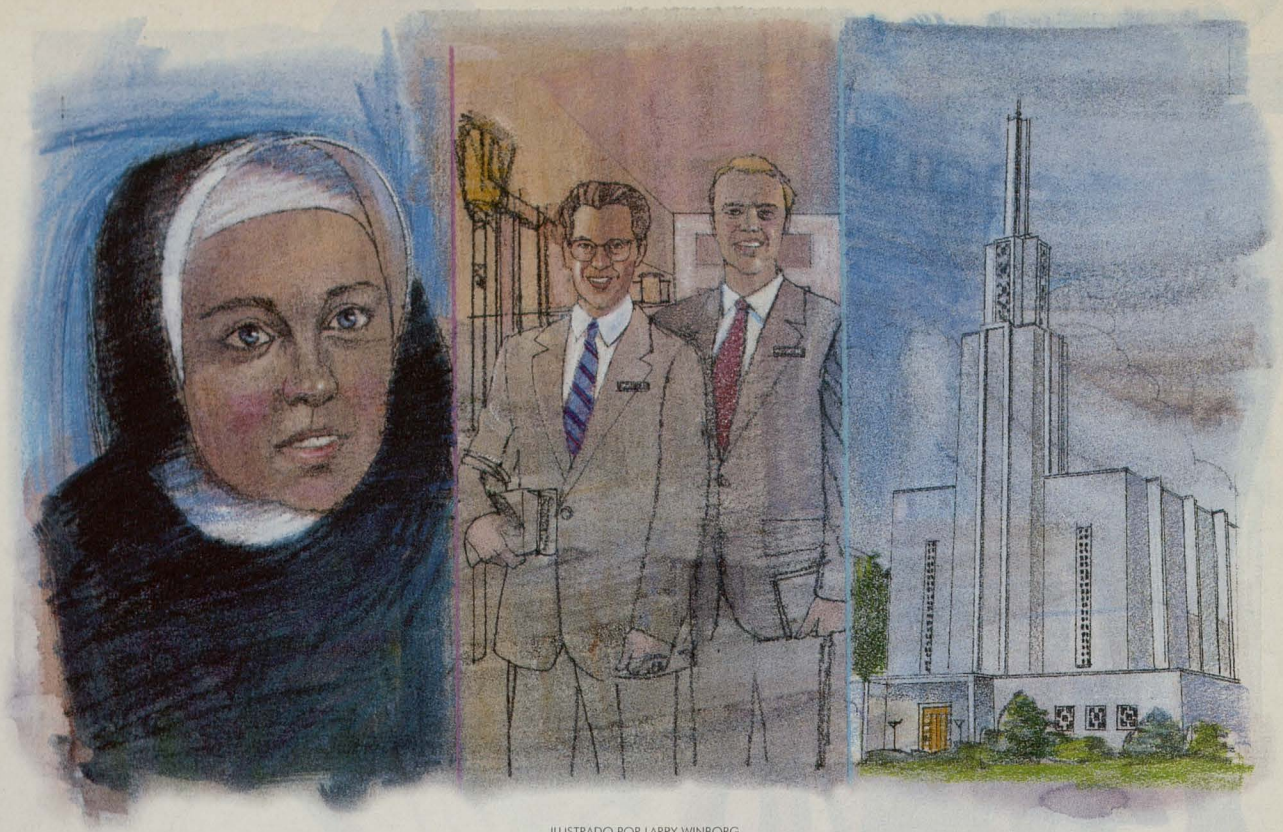
3. Spencer gostava de aprender. Decidiu usar a "hora da ordenha" para decorar muitas de suas escrituras favoritas. Com freqüência, os vizinhos brincavam que aquelas vacas eram as mais espirituais da redondeza!



4. Ele decorava os hinos da mesma forma. Copiava a letra dos hinos da Igreja em pedacinhos de papel e cantava-os para as vacas enquanto as ordenhava.



5. Spencer W. Kimball aprendeu enquanto ainda bem jovem a ser dedicado ao evangelho e a buscar a retidão. Ele estava bem preparado para tornar-se o décimo segundo Presidente da Igreja.



ILUSTRADO POR LARRY WINBORG

IRMÃ FRANGO & O TEMPLO

Élder Joseph B. Wirthlin
Quórum dos Doze Apóstolos

Em Portugal, na cidade de Funchal, Ilha da Madeira, vivia uma senhora chamada Ascenção Frango, que fora freira durante vinte anos. Ela dirigia uma casa para crianças pobres e órfãs. No início da vida como freira, ela soube que tinha câncer na garganta. Com a forte sensação de que não terminara seu trabalho na Terra, ela orou com muita fé e foi curada. Quando sua igreja resolveu fechar o orfanato, ela usou seu dinheiro para mantê-lo funcionando por quatro anos—até que as crianças que lá viviam fossem adotadas ou tivessem idade bastante para cuidar de si mesmas.

Ao ouvir sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ela e uma amiga foram a uma reunião por curiosidade. A reunião realizou-se na garagem com chão de terra da casa de um membro da Igreja, mas o Espírito que sentiu a impressionou, e os élderes começaram a ensinar-lhe as palestras. Ela leu o Livro de Mórmon, adquiriu um forte testemunho de sua divindade e logo pediu para ser batizada. Um ano mais tarde recebeu recomendação para o templo e mal pôde esperar para entrar no Templo da Suíça a fim de fazer convênios sagrados com o Pai Celestial.

Muitas nações da Europa estão se tornando nações de templos. Quando o Presidente Thomas S. Monson rededicou a Alemanha para o progresso da obra da Igreja, ele orou: "Pai Celestial, oramos para que abras o caminho para os fiéis terem o privilégio de ir ao teu templo santo, para lá receberem as santas investiduras e para serem selados como famílias, para o tempo e toda a eternidade". □

(Adaptado de um discurso da conferência geral de outubro de 1986.)

SOMA DAS ESCRITURAS

Terry Reed

À direita de cada pergunta, anote a resposta numérica. Depois verifique se os números se encaixam. Veja quantos problemas pode resolver sem consultar as referências. Também pode usar este jogo como atividade da noite familiar.

Exemplo: Quantos pães e quantos peixes Jesus abençoou para alimentar a multidão de cinco mil pessoas? (Ver Mateus 14:16–19.)

5
+2
=7

Quantas vezes os exércitos de Josué circundaram a cidade de Jericó no sétimo dia? (Ver Josué 6:15.)

1. Quantas Regras de Fé o Profeta Joseph Smith escreveu? (Ver Regras de Fé.)

____
+____

Quantas vezes ao dia Daniel se ajoelhava para orar? (Ver Daniel 6:10.)

O irmão de Jared viu este número de pedras serem tocadas pelo dedo do Senhor. (Ver Éter 3:1–6.)

=____

2. Quantos dias e quantas noites Jonas ficou na barriga do peixe? (Ver Jonas 1:17.)

____
+____

Quantos dias levou para o Senhor criar o céu e a terra e todas as coisas que neles há? (Ver Êxodo 20:11.)

=____

3. Quantas vezes o anjo Morôni visitou o jovem Joseph certa noite? (Ver Joseph Smith—H 2:30–33, 43–44, 46–47.)

____
+____

Quantas pedras Davi pegou para lutar com o gigante Golias? (Ver I Samuel 17:38–40.)

Quantas pessoas estavam na arca? (Ver Gênesis 7:13.)

=____

4. Quantas pedras Néfi bateu umas contra as outras a fim de acender a fogueira para construir um navio? (Ver 1 Néfi 17:11.)

____
+____

Um grupo de leprosos foi curado por Jesus, certo dia. Quantos eram eles? (Ver Lucas 17:11–17.)

=____

Elias construiu um altar com este número de pedras. (Ver I Reis 18:31–32.)

5. Por quantos anos os israelitas comeram maná no deserto? (Ver Êxodo 16:35.)

____
+____

Quantas peças de prata pagaram a Judas para que ele traísse Jesus? (Ver Mateus 26:14–16.)

Um quórum especial no sacerdócio tem este número como nome. (Ver D&C 107:25.)

=____

6. Quantos livros do Novo Testamento são intitulados "João"? (Ver índice da Bíblia.)

____
+____

Quantas noites Daniel ficou na cova dos leões? (Ver Daniel 6:16–23.)

+____

Quantas espigas cheias e boas o Faraó viu em seu sonho? (Ver Gênesis 41:1, 5.)

Quantos Apóstolos Jesus ordenou para ajudá-lo em seu ministério? (Ver Marcos 3:13–14.)

=____

FICÇÃO

TESTEMUNHO REAL

Lynette Burke Hale

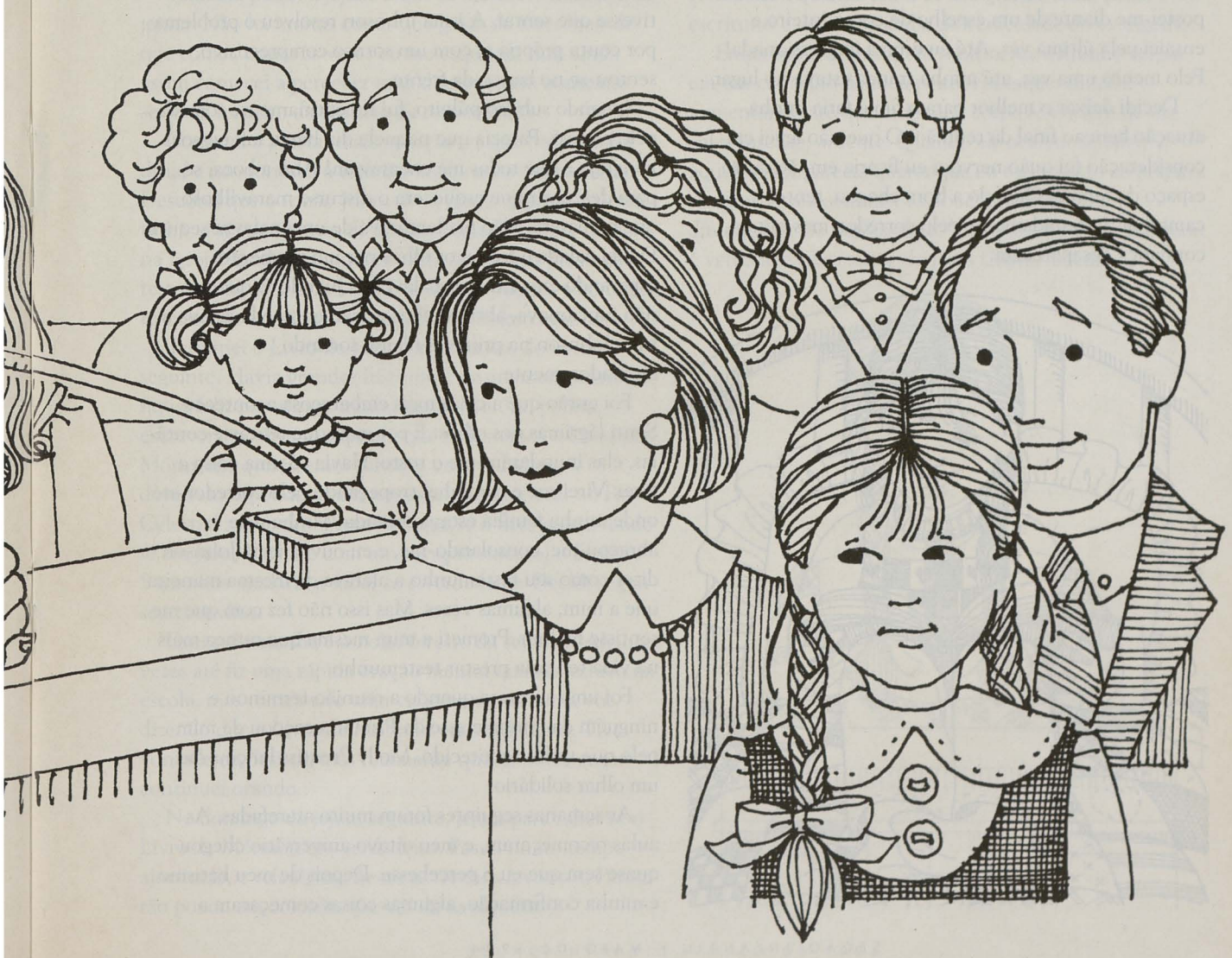


Tinha horror à reunião de testemunho a cada domingo de jejum. O tempo parecia passar tão devagar, especialmente naqueles dias quentes de verão em que as pessoas preferiam recostar-se e esperar que alguém mais se encarregasse de falar. A espera sempre fazia com que eu me contorcesse no banco. Algumas vezes eu olhava para o grande relógio de parede para ver quanto tempo levaria até que uma pessoa fosse ao púlpito prestar testemunho.

Entretanto, na maioria das vezes, tantas pessoas queriam prestar testemunho que a reunião ultrapassava cinco a dez minutos o horário normal. Algumas delas começavam a chorar no meio do testemunho, e isso me deixava constrangida.

A pior parte, porém, era Molly Prentiss. Ela vinha prestando testemunho quase todos os meses nos últimos dois anos. Sempre usava palavras extravagantes e retornava a seu lugar com um sorriso satisfeito estampado no rosto.

Certo dia tive uma grande idéia: Redigi um testemunho do qual até mesmo um ex-missionário se orgulharia e ensaiei-o durante dias, até decorá-lo. Ensaiei até mesmo como caminharia até o púlpito. Jamais antes prestara testemunho. Seria difícil?



TESTEMUNHO REAL

Eu simplesmente caminharia até lá, faria meu brilhante discurso, depois voltaria para meu lugar enquanto toda a ala sorriria em sinal de aprovação. Sim—isso daria uma lição a Molly Prentiss, com certeza.

No domingo de jejum, antes de irmos para a Igreja, postei-me diante de um espelho de corpo inteiro e ensaiei pela última vez. Até eu estava impressionada! Pelo menos uma vez, até minha trança estava no lugar.

Decidi deixar o melhor para o fim e faria minha atuação bem ao final da reunião. O que não levei em consideração foi quão nervosa eu ficaria em tão curto espaço de tempo. Quando a hora chegou, tentei caminhar destemidamente pelo corredor, mas minha confiança desaparecera.



Foi quando já estava próxima ao púlpito que a irmã Johnson e eu nos apercebemos da presença uma da outra. Ambas acháramos que éramos as únicas rumando para a frente. Sabia que deveria deixá-la ir primeiro, mas sabia também que não retornaria ao corredor se tivesse que sentar. A irmã Johnson resolveu o problema por conta própria e, com um sorriso compreensivo, sentou-se no banco da frente.

Quando subi ao púlpito, fui repentinamente tomada pelo pânico. Parecia que naquele dia havia mil pessoas na igreja e que todas me encaravam! Abri a boca, só para descobrir que esquecera o discurso maravilhoso que preparara. Não me lembrava de uma palavra sequer. Fiquei calada e fechei os olhos por um momento, esperando encontrar as palavras. Quando vi que isso não funcionava, abri os olhos novamente, e lá estava a irmã Johnson na primeira fileira, sorrindo animadoramente.

Foi então que a coisa mais embaraçosa aconteceu. Senti lágrimas nos olhos. E por mais que tentasse contê-las, elas inundaram-me o rosto. Havia só uma coisa a fazer. Virei-me e caminhei tropeçando pelo corredor até onde minha família estava sentada. Minha mãe abraçou-me, consolando-me, e eu ouvi a irmã Johnson dizer como seu testemunho a afetava da mesma maneira que a mim, algumas vezes. Mas isso não fez com que me sentisse melhor. Prometi a mim mesma que nunca mais na vida tentaria prestar testemunho.

Foi uma surpresa quando a reunião terminou e ninguém da minha classe da Primária caçoou de mim pelo que tinha acontecido. Molly Prentiss lançou-me um olhar solidário.

As semanas seguintes foram muito atarefadas. As aulas recomeçaram, e meu oitavo aniversário chegou quase sem que eu o percebesse. Depois de meu batismo e minha confirmação, algumas coisas começaram a

mudar. Passei a levantar-me mais cedo todas as manhãs para ler o Livro de Mórmon antes de ir para a escola. Isso era difícil, pois detesto levantar-me cedo, mas estava determinada a fazê-lo até que terminasse o livro.

Também passei a jejuar todos os meses no domingo de jejum. Não há muitas coisas que goste de fazer mais do que comer, então às vezes eu me esquecia; mas ainda assim comecei a perceber uma diferença em como me sentia a respeito da reunião de testemunho.

Comecei a prestar mais atenção ao que cada orador dizia, e isso tornava a reunião muito mais interessante. Descobri que o irmão Johnson se filiara à Igreja quando tinha vinte e seis anos de idade. Achava que ele nascera na Igreja! E adorava quando o irmão Badger prestava testemunho. Ele tinha histórias emocionantes a contar a respeito de sua vida e dos milagres que testemunhara.

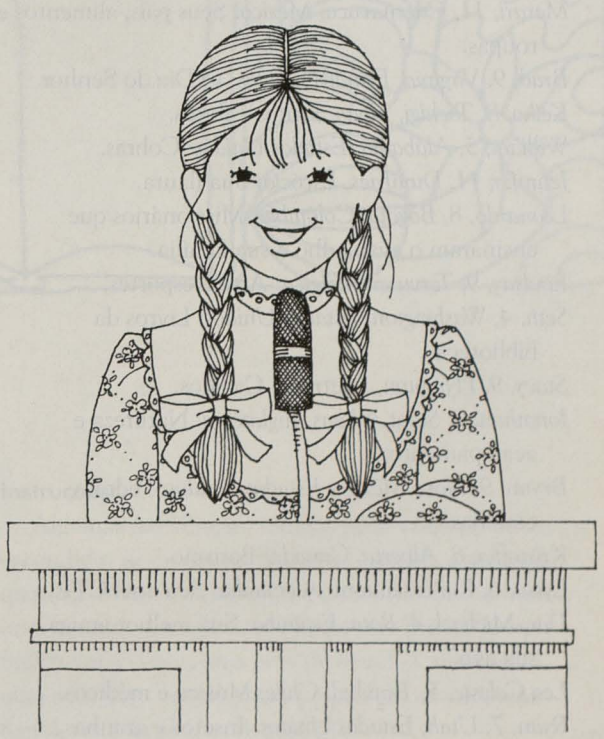
Terminei o Livro de Mórmon no início do verão seguinte. Havia grandes histórias e ensinamentos nele, e fiquei feliz por atingir minha meta. Morôni, porém, escrevera no último capítulo que se lêssemos o Livro de Mórmon e quiséssemos saber se era verdadeiro deveríamos ponderar em nossos corações e orar ao Pai Celestial a respeito. Prometeu que se o fizéssemos, tendo fé em Jesus Cristo e com um coração sincero, o Espírito Santo nos ajudaria a saber se é verdadeiro. Decidi seguir seu conselho.

Orei pela manhã e à noite o resto da semana. Algumas vezes até fiz uma rápida oração mental quando estava na escola, mas nunca tive uma visão nem ouvi uma voz dizendo que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Tive vontade de desistir, mas realmente queria saber, então continuei orando.

No domingo de jejum seguinte, jejuei para saber se o Livro de Mórmon era verdadeiro. Passei muito tempo ajoelhada, e reli alguns de meus trechos favoritos. Pensei tão pouco em comida, que era de se admirar.

A reunião de testemunho estava sendo muito boa naquele dia. Eu estava feliz até por Molly Prentiss, quando se levantou e prestou testemunho. Então o irmão Badger foi ao púlpito para falar. Sua voz calma estremeceu quando falou de seu grande amor pelas escrituras e de como soube da veracidade do evangelho.

Enquanto ele falava, um sentimento estranho surgiu em um cantinho do meu peito. Foi esquentando e aumentando até que todo meu corpo se encheu de um calor intenso, ardente. Quando ele acabou de falar, aquele calor parecia querer que eu fosse direto ao púlpito. Ao prestar testemunho, as poucas palavras saíram diretamente de minha alma: "Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Em nome de Jesus Cristo, amém". □



DOU GRAÇAS AO PAI

Judy Edwards



"Louvai ao Senhor, porque ele é bom" (Salmos 136:1).

Quais são suas maiores bênçãos? Quais são as coisas pelas quais sente-se realmente grato? Veja a lista de bênçãos citadas por crianças de todo o mundo, e descubra se outros meninos e meninas são gratos pelas coisas que o tornam feliz também!

Raúl, 11, Lima, Peru: Sua família foi selada no templo.

Elizabeth, 4, Coulsdon, Inglaterra: Escola.

T.R., 6, Nova Delhi, Índia: O Livro de Mórmon.

Merari, 11, Cuernavaca, México: Seus pais, alimentos e roupas.

Brad, 9, Virgínia, Estados Unidos: O Dia do Senhor.

Keiko, 8, Tochigi, Japão: Frutas e flores.

William, 5, Alabama, Estados Unidos: Cobras.

Jennifer, 11, Dumfries, Escócia: Sua flauta.

Leonardo, 8, Bogotá, Colômbia: Missionários que ensinaram o evangelho a sua família.

Lindsay, 9, Tervuren, Bélgica: Arte e esportes.

Seth, 4, Washington, Estados Unidos: Livros da biblioteca.

Stacy, 9, Plympton, Austrália: Cavalos.

Jonathan, 9, Saint Albans, Inglaterra: Natureza e acampamento.

Brynn, 9, Novo México, Estados Unidos: Pedras e conchas.

Kristoffer, 8, Alberta, Canadá: Batismo.

Lyssa, 6, Kaiserslautern, Alemanha: Seu anel CTR.

Dan-Michael, 4, Rota, Espanha: Sua melhor amiga, sua avó.

Lea Celeste, 5, Trinidad, Chile: Música e médicos.

Ryan, 7, Utah, Estados Unidos: Insetos e aranhas.

Akihisa, 4, Tochigi, Japão: Alimentos, especialmente rolinhos de ovos.

Eric, 6, La Rippe, Suíça: Castelos e longas caminhadas no campo.

Samantha, 8, Missouri, Estados Unidos: Escrever em seu diário.

Ethan, 6, Iowa, Estados Unidos: Joseph Smith.

Tara, 10, Arkansas, Estados Unidos: Sua família e o evangelho.

_____, _____,
Seu nome Idade

_____,
Onde mora

_____.

Bênçãos

Quando damos graças ao Pai Celestial por nossas bênçãos, sentimos paz.

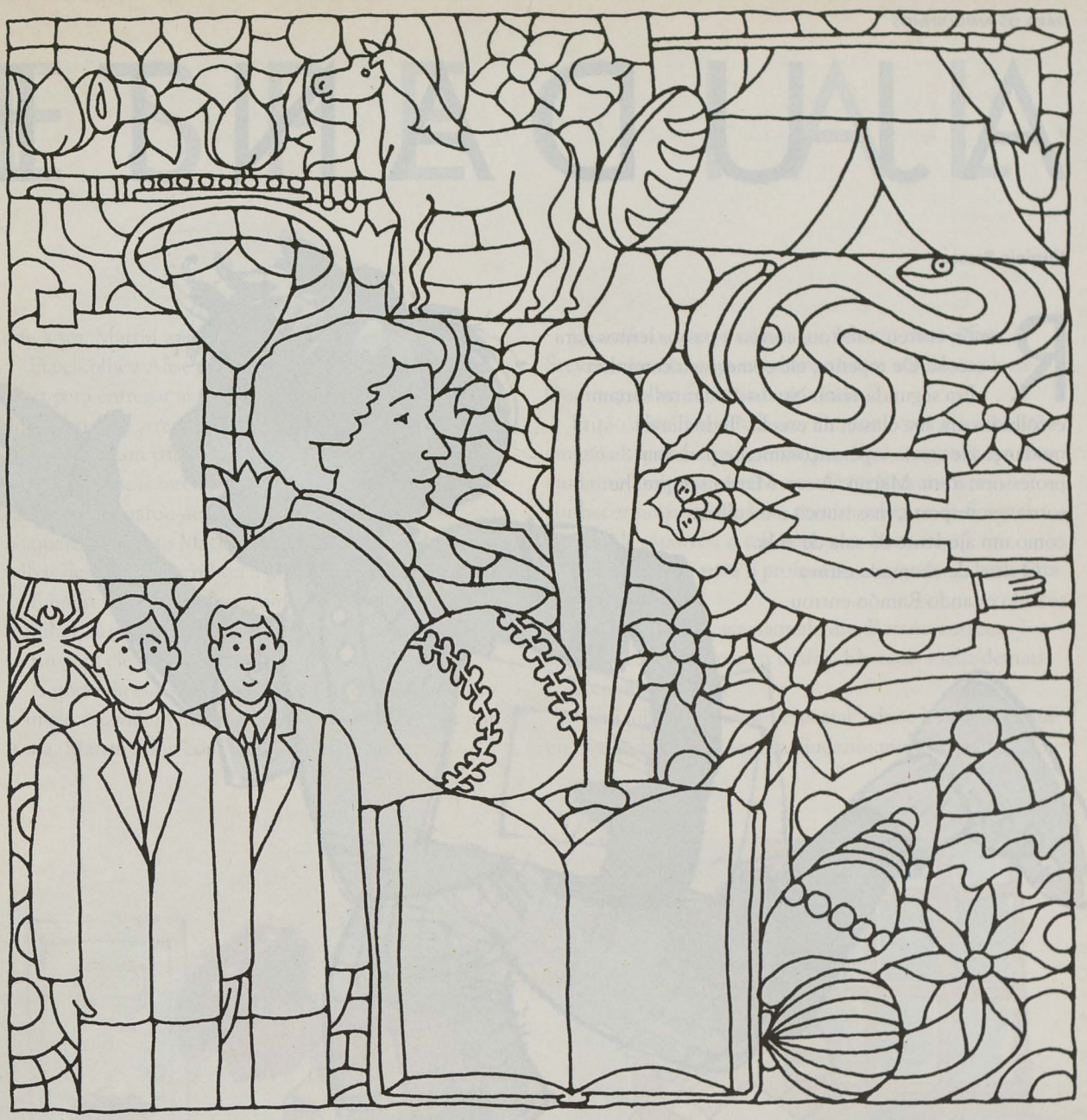
Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Ajudar as crianças a criarem um painel "Conte as Bênçãos" em um quadro-negro ou cartaz, utilizando recortes de estrelas do céu, flores do campo, folhas de árvores, conchas da praia, etc.

2. Faça com que cada criança crie uma página de bênçãos para o Livro da Paz da criança. (Ver Idéias para o Tempo de Compartilhar nº 3, Seção Infantil, *fevereiro de 1994, página 10.)*

3. Peça aos alunos que exprimam por meio de gestos as bênçãos pelas quais são gratos, e faça com que os outros adivinhem o que estiver sendo representado.

4. Cite uma bênção pela qual é grata, depois jogue uma bola para uma criança, que deverá mencionar algo pelo que é grata. A criança então atira a bola para outra criança.



ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAK

Prossiga até que todas tenham tido oportunidade de participar.

5. Divida em classes e faça com que cada criança descreva uma bênção pela qual é grata. Os demais alunos devem ver se conseguem adivinhar o que é, antes que a criança fique sem pistas para dar. Por exemplo: "Sou grato por uma coisa viva. Tem um nome. Possui pêlos longos. Faz truques. Gosta de passear. Sou grato por meu cão, Tarzan".

Instruções:

Algumas das bênçãos citadas pelas crianças acham-se escondidas nesta figura. Encontre e pinte: uma tenda, quatorze flores, escrituras, um anel CTR, missionários, uma banana, uma pêra, um limão, um jornal, Joseph Smith, uma cobra, uma bola de beisebol, um bastão, uma avó, duas conchas, um pincel, um cavalo, uma flauta, uma aranha e um pão. □

AJUDANTE

Virginia Brosseit

Ramón correu, saltitou, correu a passos lentos para a escola. De repente, ele começou a caminhar.

Era segunda-feira. Novos ajudantes seriam escolhidos em sua classe, na escola. Todo dia de mudança ele sorria esperançosamente para sua professora, a sra. Martin. A sra. Martin sempre lhe sorria em resposta, mas nunca o escolhera como um ajudante da sala de aula.

O sinal de chamada estava soando quando Ramón entrou apressado no prédio. Ele havia quase chegado a sua sala quando viu uma garotinha sentada no chão, chorando e tentando ajuntar os crayons que havia derrubado no chão.

Ramón abaixou-se ao lado dela. "Vou ajudá-la".

Logo, todos os crayons haviam sido recolhidos e a garotinha apressou-se em seguir seu caminho.

A sra. Martin estava parada na porta da classe. Ramón sorriu-lhe. "Desculpe-me pelo atraso", disse ele. Sentou-se em sua carteira e aguardou

ESPECIAL

que a sra. Martin anunciasse os ajudantes da semana.

Ela escolheu Alise para recolher os livros da biblioteca, Matt para entregar as folhas de estudo, Maria para cuidar do material de arte e Robert para alimentar os peixes.

Ramón ficou triste por não ter sido escolhido para nenhuma dessas tarefas. Ele pegou o lápis que estava na carteira e preparou-se para começar seu trabalho. Naquele momento Matt, que estava entregando as folhas de estudo, derrubou a pilha toda.

Ramón levantou-se rapidamente. Ajudou Matt a recolher os papéis. Matt não agradeceu, mas Ramón sorriu para ele assim mesmo.

A porta da classe abriu-se, e o diretor entrou. Junto com ele estava um menino que Ramón nunca vira antes. A sra. Martin falou com eles por um instante.

Quando o diretor saiu, a sra. Martin disse: "Este é Steven, que de agora em diante ficará em nossa classe. Quero que lhe dêem as boas-vindas".

Então a sra. Martin disse: "Ramón, você é sempre tão amigável, sorridente e prestativo. Será que pode ser meu ajudante muito especial hoje e levar Steven para conhecer nossa escola? Ele precisa saber onde ficam o ginásio de esportes, o refeitório e os banheiros".

Ramón sorriu para a professora e assentiu. Sorriu para Steven também.

A caminho de casa naquele dia, Ramón correu, saltitou e correu a passos lentos. Ele estava feliz demais para caminhar.

"Este foi um dia muito especial", disse à mãe, "porque eu tive a chance de ser um ajudante muito especial." □





ILUSTRADO POR TAIA MORLEY

REBECCA FAVARETTO,

DeAnne Walker

Rebecca Favaretto e sua família residem em uma linda região da Itália central, entre as cidades de Florença e Siena. Essa parte da Itália ainda relembra muito a época medieval. Há muitos marcos e edifícios antigos nessa área, e é fácil esquecer o ativo mundo moderno bem próximo.

A família Favaretto pertence ao Ramo de Florença, que fica meio distante de sua casa. "Leva cerca de uma hora e quinze minutos para chegar a Florença, por isso temos que nos levantar muito cedo aos domingos, para chegarmos no horário à Igreja", diz Rebecca. Ocasionalmente, alguém da família tem outras reuniões ou compromissos após as reuniões no domingo. Quando isto acontece, toda a família se organiza para ficar o dia todo na cidade. Por exemplo, no domingo em que o irmão de Rebecca, Gianni, teve uma entrevista com o presidente do distrito, à tarde, a respeito de sua missão, a mãe levou tudo o que precisavam para preparar seu



DE SIENA, ITÁLIA

jantar na cozinha da capela, e toda a família (mais alguns convidados) saborearam a refeição juntos.

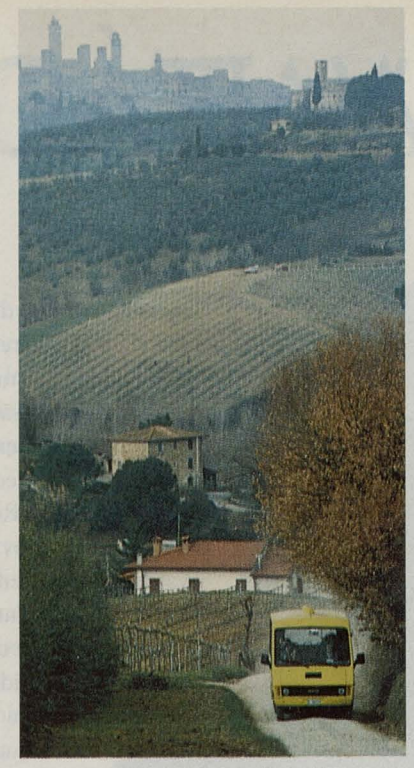
Rebecca tem uma família incomum. A maioria das famílias italianas são pequenas, mas a família Favaretto tem oito filhos: Genevieve, 24; Gianni, 22; Elizabeth, 19; Andrea, 15; Matteo, 14; Rebecca, 12; Giorgio, 10; e Sara, 7. O pai de Rebecca, Vittorio, foi um dos primeiros conversos italianos da Igreja. Mesmo antes de o evangelho estar sendo ensinado na Itália, ele foi batizado em Londres, Inglaterra, enquanto estudava lá.

Ser parte de uma grande família significa que todos têm que dividir o trabalho. "Rebecca me ajuda muito em casa", diz a mãe, Lynn. "Ela sempre me ajuda com entusiasmo nas tarefas da casa, e é muito gentil com seu irmão e sua irmã



Rebecca passa muito tempo ajudando sua irmã, Sara, a ler.

FOTOGRAFIA DE ALFRED W. WALKER



FOTOGRAFIA CORTESIA DA FAMÍLIA FAVARETTO

mais novos. Ela me ajuda a cuidar de sua irmãzinha, Sara. Sara tem um problema de fala, e Rebecca passa muito tempo ajudando-a a ler".

Rebecca gosta de ir à escola. Ela vai à escola de ônibus, mas como a casa da família Favaretto é a última parada na rota, não demora muito para chegar lá. "Minhas matérias favoritas na escola são as línguas", diz ela. "Estou aprendendo a falar francês e inglês!" Como a escola é obrigatória até os quatorze anos de idade, Rebecca na ocasião decidirá se irá trabalhar ou se continuará os estudos em uma escola especializada, onde poderá escolher o tipo de carreira que desejar.

Naturalmente, Rebeca—como as crianças de toda parte—também tem algumas coisas favoritas que gosta de fazer."Gosto de quando praticamos esportes na escola—especialmente quando jogamos voleibol. Gosto de cantar e gosto de brincar com meu gato, Leo", diz ela com um brilho no olhar.

Na Itália, ensina-se religião nas escolas públicas, e Rebecca freqüenta essas aulas. A mãe explica: "Poderíamos tê-la tirado das aulas; mas decidimos ser esta uma boa oportunidade para conversar a respeito de nossa Igreja e de nossa crença quando os alunos debatem várias religiões". Rebecca e seu irmão Matteo são os únicos membros da Igreja em sua escola.

Rebecca é especialmente grata por sua família e pela Igreja. Ela sabe que há muitas crianças no mundo que não têm o evangelho e espera que um dia elas também possam receber as bênçãos que o evangelho traz. □



Rebecca e sua família: (*Em pé, da esquerda para a direita*) Elizabeth, Gianni, Andrea. (*Sentados*) Giorgio, Vittorio, Lynn, Sara, e Rebecca. (Não se encontram na foto: Genevieve e Matteo.)

APRECIAR MAIS COMPLETAMENTE AS BÊNÇÃOS DO BATISMO



ILUSTRADO POR KRISTY MORRIS

Ao raiar um dia de primavera, em 1854, Margaret McNeil Ballard, de oito anos de idade, entrou na água gelada do mar para ser batizada. Vários anos mais tarde, ela escreveu, a respeito de seu batismo: "Quando saí da água, o dia estava amanhecendo e a luz começava a insinuar-se por sobre as colinas do leste. Era uma bela visão, algo que não esquecerei. Nesse momento, senti-me cheia de um espírito celestial que permanece comigo até hoje" (*Ensign*, julho de 1989, p. 16).

O que há no batismo que pode iluminar, suavizar e fortalecer nossa vida inteira? A resposta é sugerida nas escrituras, onde o batismo é citado como sendo um nascimento simbólico. (Ver João 3:5.) Por meio do nascimento conhecido como batismo, somos purificados do pecado e tornamo-nos parte de uma nova família—A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O BATISMO NOS PURIFICA DO PECADO

"Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor", foi a exortação de Ananias a Saulo de Tarso, que em breve se tornaria o Apóstolo Paulo (Atos 22:16).

Antes de sermos batizados, arrependemo-nos dos pecados e nos comprometemos a seguir Jesus Cristo. (Ver D&C 20:37.) Assim, no batismo, somos simbolicamente purificados pela água. Emergimos tão puros e livres da culpa dos pecados quanto uma criança recém-nascida. A irmã Bok Ja Moon Kim, da Coréia, que foi batizada quando adulta, descreve essa purificação: "Senti meus pecados removidos e minha alma iluminada. Oro todos os dias para vencer as tentações mundanas e os sentimentos vacilantes".

Quando, na casa dos vinte, a irmã Irene Ericksen, da Cidade do Lago Salgado, foi batizada, a purificação do pecado também incluiu uma sensação de cura. "Antes de filiar-me à Igreja, tinha pouca consciência dos pecados que cometera. Estava, porém, vivendo a conseqüência do pecado, que era a dor. Quando fui batizada, senti aquela dor sendo lavada".

Se verdadeiramente nos arrependermos e nos comprometermos a seguir Jesus Cristo, poderemos receber a bênção de sermos purificados do pecado por ocasião do batismo, tenhamos oito ou oitenta anos. E poderemos reter o efeito curativo dessa purificação lembrando-nos de nossos convênios batismais e renovando nosso compromisso com eles.

- *Quais são alguns dos efeitos do pecado que experimentamos na vida diária?*
- *Como podemos renovar o compromisso com os convênios batismais e sentir a novidade de vida que o batismo oferece?*

O BATISMO NOS DÁ UMA NOVA FAMÍLIA

Toda criança tem um pai e uma mãe e muitas têm irmãos. Do mesmo modo, quando "nascemos da água" por meio do batismo, ganhamos uma nova família de irmãos no evangelho. Tornamo-nos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. "Eu morava longe de minha família na época do batismo", lembra a irmã Ericksen. "Senti como se tivesse uma nova família de irmãos e me houvesse unido a uma família de amor".

Para a irmã Ericksen, a ala da qual passou a fazer parte quando de seu batismo tinha as qualidades necessárias de uma boa família: amor de uns para com os outros, bons exemplos e firme decisão de seguir a Jesus Cristo.

- *Como podemos ser mais responsáveis e demonstrar mais amor à família de nossa ala?* □

N O I T E

Ana Mora Monterey

"Ana, Ana, acorde!" O chamado insistente finalmente me acordou, e eu instintivamente pulei da cama. Do lado de fora ouvi as palavras angustiadas do marido de minha irmã—"Depressa! Sofremos um acidente. Sua irmã está no hospital!"

Estávamos em 1977. Apenas quatro anos antes eu deixara a Costa Rica para viver em Los Angeles, nos Estados Unidos. Agora minha irmã corria risco de vida, a milhares de quilômetros do resto da família.

Depois de chegarmos ao hospital, subimos as escadas, e lá, cercada por médicos e aparelhos, estava o corpo inerte de minha irmã.

Uma enfermeira nos viu e afastou-nos. Aguardamos a noite toda no corredor, não sentindo conforto algum nas paredes frias enquanto as horas passavam. Quando o médico finalmente conversou conosco, seu prognóstico não era encorajador.

Sentada no banco gelado, meus pensamentos voltaram-se para o poder do sacerdócio. Minha irmã não era membro da Igreja, mas como eu desejava que ela recebesse uma bênção! Liguei para meu bispo e perguntei-lhe se poderia dar-lhe a bênção. Quando ele assentiu, meu coração transbordou de gratidão. Sabia que tudo ficaria bem.

Ele chegou pouco tempo depois e deu uma bênção a minha irmã. A seguir, deu-me uma bênção também. Foi-me dito que o Senhor sabia o lugar em que minha irmã era mais necessária. Naturalmente, eu acreditava ser ela mais necessária aqui, pois tinha três filhos pequenos para criar.

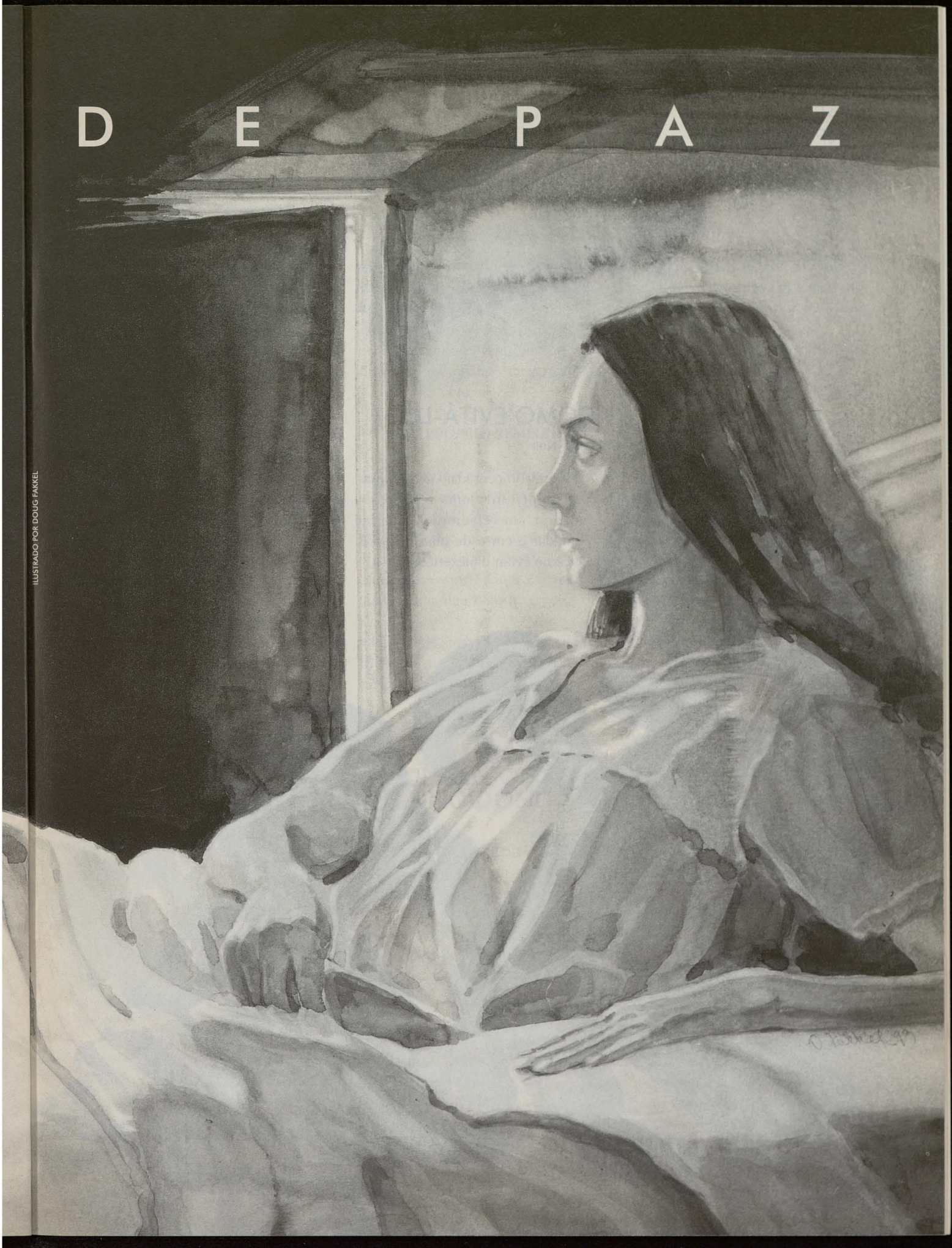
Dois dias depois do acidente, minha irmã faleceu. O Senhor levou-a para casa.

O que me recordo agora é de como me senti serena durante aqueles momentos difíceis. Exatamente após um ano de sua morte, fiz a obra vicária por ela no templo. Não tenho dúvidas de que o poder do sacerdócio é real. □



ILUSTRADO POR DOUG FAKKEL

D E P A Z



ILUSTRADO POR DOUG FAKKEL

O MEXERICO

COMO EVITÁ-LO

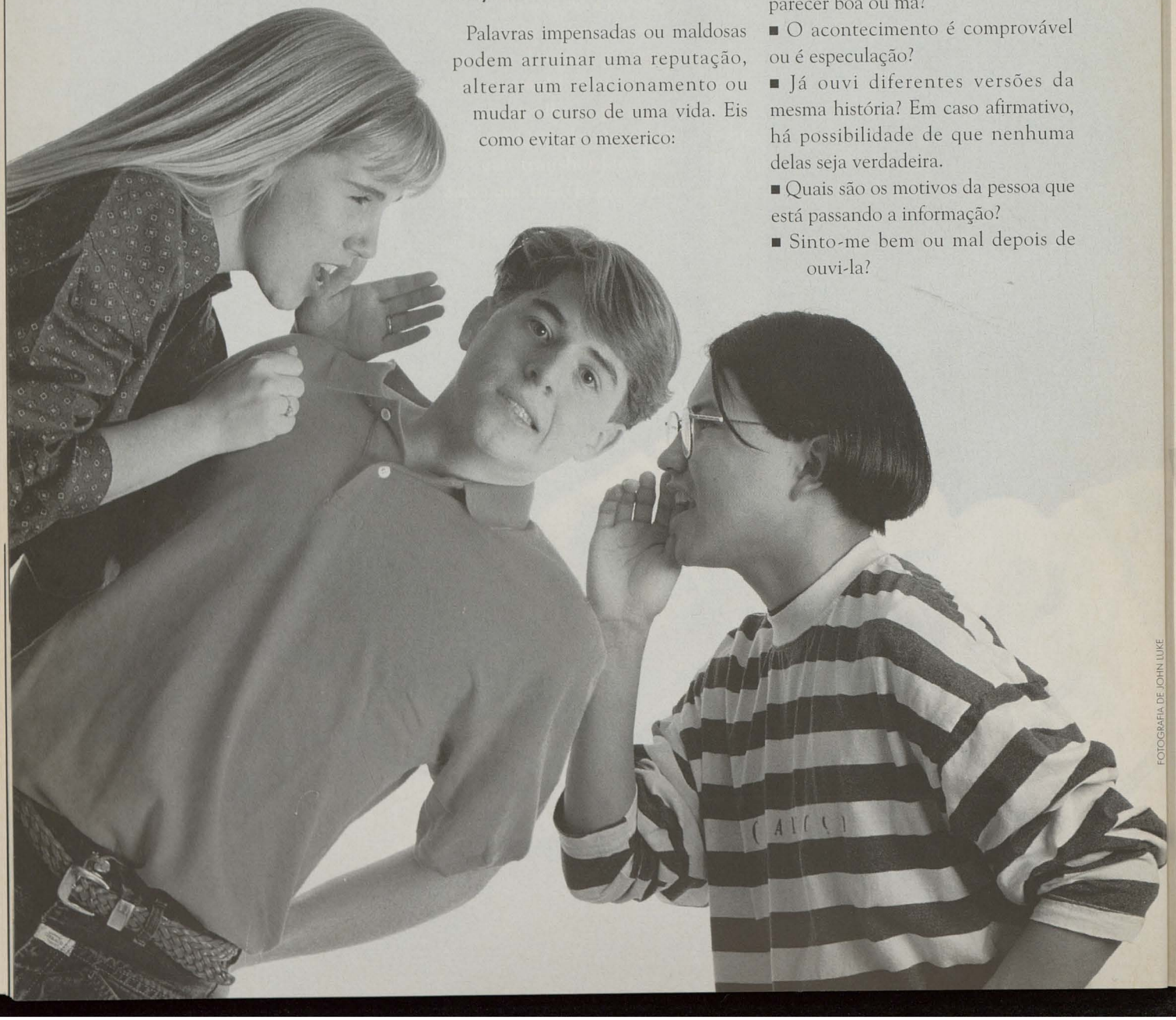
Casey Null

Palavras impensadas ou maldosas podem arruinar uma reputação, alterar um relacionamento ou mudar o curso de uma vida. Eis como evitar o mexerico:

ALGO DO QUE FALAR

Qual a diferença entre mexerico e conversa? Pergunte a si mesmo:

- Eu me sentiria bem repetindo isso à pessoa de quem estou falando? Existe algo sensacionalista, irreal ou ruim no que vou dizer?
- O que vou dizer faz a pessoa parecer boa ou má?
- O acontecimento é comprovável ou é especulação?
- Já ouvi diferentes versões da mesma história? Em caso afirmativo, há possibilidade de que nenhuma delas seja verdadeira.
- Quais são os motivos da pessoa que está passando a informação?
- Sinto-me bem ou mal depois de ouvi-la?



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

QUANDO SURGE O MEXERICO

Seus amigos confiarão mais em você se não fizer mexericos. Terão confiança de que não dirá alguma coisa negativa a respeito deles. Contudo, no caso de alguém começar a mexericar e você não quiser participar, aqui estão algumas saídas:

- Mude de assunto.
- Continue com o assunto, mas chame a atenção para algo positivo. Por exemplo: "Nunca notei esse lado da personalidade dela. Só sei que ela tem sido amável comigo."
- Desvie a conversa para o mexeriqueiro. Por exemplo: "Parece que você não gosta muito do João. Por que não se sente bem perto dele?"
- Fique calado. Às vezes, o silêncio fala mais alto que as palavras—e fica difícil mexericar sozinho.
- Diga exatamente o que sente. Por exemplo: "Gosto muito de você e nos divertimos bastante juntos, mas sinto-me mal quando mexericamos. Vamos parar com isso."

SEU PRÓPRIO REMÉDIO

O mexerico pode tornar-se um vício. Aqui estão algumas maneiras de se afastar do hábito:

- PENSE em como se sente após ter espalhado um boato. Sente-se bem consigo mesmo? Como se sente quando diz algo bom a respeito de alguém?
- LEIA a décima-terceira regra de fé, II Tessalonicenses 3:11 e I Pedro 4:15.
- ORE E ESTUDE AS ESCRITURAS para sentir o amor do Pai Celestial. Sempre mexericamos por não nos sentirmos bem com nós mesmos.
- SUBSTITUA o mexerico por alguma outra coisa. Quando for tentado a mexericar, em vez de fazê-lo, faça ou diga algo construtivo.
- DESCUBRA seus motivos. Está falando a respeito dos outros porque se importa com eles ou para parecer melhor que eles?
- VEJA os outros como filhos de Deus. Você gostaria de ofendê-Lo falando mal de um de Seus filhos?
- PERCEBA que você também não é perfeito. Pense nas coisas negativas que os outros poderiam dizer a seu respeito se quisessem. Não seria melhor que essas coisas ficassem sem serem ditas?



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

***Acima*, Élder Merrill J. Bateman e sua esposa, Marilyn, conversam com um participante da conferência.**

ADULTOS SOLTEIROS REÚNEM-SE EM YOUNG DONG

Os adultos solteiros de toda a Coréia reuniram-se recentemente em Young Dong para fazer amizade, aumentar a fé e aprender a servir ao Senhor mais fielmente. Young Dong fica a uns 250 quilômetros ao sul de Seul, em uma remota área rural. Oficinas, seminários e outras atividades ajudaram os membros a reconhecerem que são filhos e filhas de Deus e pertencem a uma Igreja cujos princípios de verdade não mudam. Aprenderam também a utilizar o evangelho para influenciar as pessoas de maneira positiva.

A primeira conferência coreana

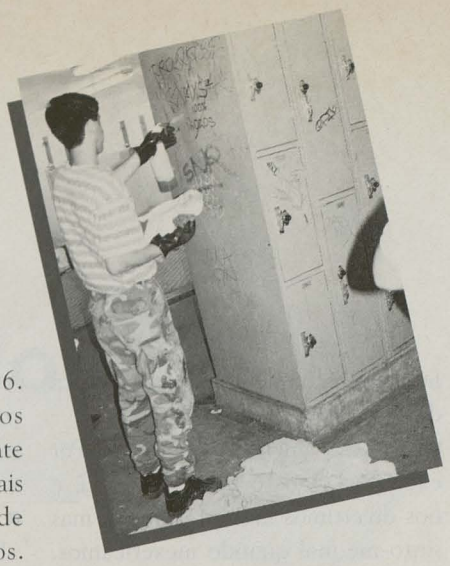


desse tipo foi realizada em 1976. Participaram cerca de duzentos membros do único distrito existente na Coréia na época. Desta vez, mais de mil compareceram, vindos de dezesseis estacas e três distritos. Todos os três representantes regionais tomaram parte. O Élder Merrill J. Bateman, recém-chamado como Presidente da Área Ásia Norte, presidiu a conferência e abriu-a com um discurso.

O Élder Bateman mencionou as visões de Isaías e Néfi, que compararam o crescimento da obra de Deus a uma tenda. A princípio, firma-se uma estaca, depois outra, até que finalmente um número suficiente de estacas a seguram para que possa ser levantada, cobrindo o mundo inteiro.

"Espero que vós, adultos solteiros, compreendais vosso importante papel nesta missão", disse o Élder Bateman. "Toda Israel será literalmente reunida . . . Vós, santos coreanos, tendes importante papel nessa reunião."

A conferência serviu para consolidar a determinação de muitos que compareceram. Um irmão de trinta anos disse: "Decidi sair em missão. Eu não era membro ativo, mas daqui em diante pedirei ao bispo que me dê um cargo na Igreja que me ajude a desempenhar um papel ativo." Uma irmã disse: "Eu não tinha percebido que somos um grupo tão grande e que se nos unirmos, podemos influenciar positivamente nossas alas, nossos vizinhos, nossa comunidade e nosso país por meio do evangelho.



DEVOLVENDO O FAVOR

Os jovens da Ala Harbor, da Estaca Palos Verdes, na Califórnia, há uns dez anos atravessam a fronteira para ajudar os membros da Estaca Tijuana, no México. Já construíram e reformaram casas, renovaram capelas, consertaram telhados e fizeram jardinagem. Este ano, os jovens de Tijuana retribuíram o favor.

Como parte de uma campanha contra a pichação, os santos de Tijuana trabalharam com a Estaca Palos Verdes na pintura e limpeza de uma escola.

Os jovens mexicanos receberam passes de visitantes de fim-de-semana. Passaram horas tirando entulho do pátio da escola e repintando os muros pichados. Ao final do trabalho, os jovens se reuniram para uma noite com comida e diversão dos dois países. Os santos de Tijuana apresentaram várias danças folcóricas e números musicais. Eles se hospedaram nas casas dos membros e, no domingo de manhã, fizeram uma reunião sacramental conjunta.

"Eles são realmente um grupo exemplar de santos dos últimos dias", disse o Bispo David Bond, da Ala Harbor. "Muitos fizeram muito bem à ala."









ACAMPANDO À MODA BRASILEIRA

Em muitas áreas da Igreja, o acampamento das moças é algo bastante comum. Afinal, as avós de algumas delas já participavam quando jovens, mas não no Brasil. O programa de acampamento está apenas começando e as pessoas envolvidas não poderiam estar mais animadas.

Foi particularmente difícil organizar o programa no Brasil. Duas das maiores cidades do mundo, São Paulo e Rio de Janeiro se localizam no país, e há oitenta e sete estacas com quase quinhentos mil membros. Algumas das moças saíram de seus lares em prédios de apartamentos carregando o equipamento obtido com dificuldade e viajaram várias horas em ônibus de carreira. O ar puro, as flores e as estrelas da zona rural proporcionaram experiências novas para moças que nunca antes haviam estado longe do lar na cidade.

Os resultados já estão aparecendo. "As amizades floresceram, a confiança aumentou, os membros menos ativos retornaram e os testemunhos brotaram", disse uma líder. É para isso que servem os acampamentos das moças.

CAMPEÃ ESPANHOLA DE ESGRIMA



Aos quinze anos, Susana Fernandez-Rebollos Herrero, de Madri, Espanha, é uma campeã. Competindo com sessenta e duas participantes no campeonato nacional de esgrima, ela ganhou o título de melhor esgrimista da Espanha em sua faixa etária.

Sua vitória foi o resultado de longas horas de treinamento e sacrifício. Após descobrir o esporte quando tinha onze anos, Susana leu uma história na *Liahona* sobre atletas SUD. Inspirada pelo artigo, estabeleceu a meta de tornar-se campeã de esgrima e, com o incentivo da família e de amigos, é o que tem feito, tendo ganhado muitas medalhas e troféus ao longo da carreira.

Susana era muito jovem para participar dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, mas está se preparando para as próximas olimpíadas.

UM POVO PREPARADO

ARTE E LEMBRANÇAS DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS AFRICANOS

Marjorie Draper Conder

Anos antes da Igreja ter chegado à África, o Senhor esteve preparando o caminho, particularmente na região ocidental do continente africano. Alguns habitantes da região viajaram para outros países, conheceram o evangelho, e levaram o que aprenderam à terra natal. Outros aprenderam com os que já acreditavam no evangelho. Assim, formaram-se congregações com testemunho do Livro de Mórmon na Nigéria e em Gana. Essas pessoas não receberam as palestras dos missionários de tempo integral e várias congregações não sabiam da existência umas das outras.

Ao mesmo tempo, entre os anos de 1959 e 1978, alguns santos dos últimos dias moraram na região a trabalho na área de negócios e educação. Entre eles estava Virginia Cutler, professora da Universidade Brigham Young, que ajudou a estabelecer um programa de economia doméstica na Universidade de Gana e Barnard Silver que, com a esposa, Cherrie, gerenciava um complexo agro-industrial de produção de açúcar de cana na Costa do Marfim. Além deles, Merrill J. Bateman, de Provo, Utah, atualmente membro dos Setenta, lecionou na Universidade de Gana e, mais tarde, trabalhou nesse país. A amizade que estas e outras pessoas desenvolveram na região acabou por ajudar a Igreja a adquirir reconhecimento oficial.

No final de 1978, a Igreja estabeleceu-se formalmente na região ocidental do continente africano. A revelação de junho de 1978, de que todos os membros masculinos poderiam ser ordenados ao sacerdócio, abriu caminho para as congregações da África serem dirigidas por seus próprios membros e desfrutarem totalmente as bênçãos do evangelho. No primeiro ano e com apenas três casais missionários, mais de 1.700 pessoas foram batizadas.

O evangelho "vem a um povo preparado—um povo preparado pelo Espírito de Deus", diz o Élder Alexander B. Morrison, dos Setenta. "Ansiosos por aprender e rápidos em compreender, atentos e compreensivos, espiritualmente sensíveis, sedentos da água da vida e famintos do pão da vida, eles se prepararam durante longo tempo para esse dia" (*A Liahona*, janeiro de 1988, p. 23).

Começando com os primeiros missionários em 1978, seguiram-se centenas de outros, na maioria casais dos Estados Unidos e Canadá. Muitos jovens da região também já cumpriram missão em seus próprios países e fora deles. A região ocidental da África surge como uma das novas fronteiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias hoje.

Segue-se uma coleção de lembranças e trabalhos artísticos de membros da Igreja da região ocidental da África. Os objetos são parte de uma exposição chamada "Um Povo Preparado: Santos dos Últimos Dias na região ocidental da África", do Museu de História e Arte da Igreja, localizado na Cidade do Lago Salgado e estão entre as primeiras expressões visuais do testemunho do evangelho dos santos dos últimos dias na África. □

Marjorie Draper Condie é curadora do Museu de História e Arte da Igreja.



***À esquerda*: Esta bengala nigeriana, símbolo de liderança, foi dada ao Presidente Spencer W. Kimball.**



Acima: Uma capela de Cape Coast, em Gana, usada antes que a Igreja fosse estabelecida oficialmente na área, contendo símbolos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, incluindo uma estátua de cimento do anjo Morôni *(abaixo)*.

Abaixo: Os membros da Igreja no estado de "Cross River", na Nigéria, criaram este pendão, que inclui um mapa da Nigéria com as várias divisões políticas do país.



O chefe Nana Yadae Kojo é também conhecido como Presidente Joseph Kwomena Otto do Ramo Mjsintsen Gana. Desde 1988, ele serve como segundo maior Chefe Ashanti de Gana.

Em 1982, tornou-se membro da Igreja SUD e foi logo chamado como presidente de ramo. Seu amor pelo evangelho levou-o a ensinar e batizar mais de cem pessoas. Sua vida, porém, foi repetidamente ameaçada e houve tentativas de bani-lo, juntamente com a Igreja.

Em 1988, recebeu a proposta do conselho de chefes Ashanti para assumir sua posição de direito como chefe por causa de sua grande integridade. O Presidente Otto jejuou durante três dias e reuniu-se com seu presidente de distrito. Juntos, reuniram-se com o conselho dos chefes Ashanti. Joseph Otto concordou em tornar-se chefe se nenhuma das práticas costumeiras envolvendo os ritos tradicionais, a ingestão de álcool e a poligamia fossem dele requeridas. Os chefes concordaram com as condições.

Chefe Kojo está trajando indumentária Kenti, um símbolo de realeza.





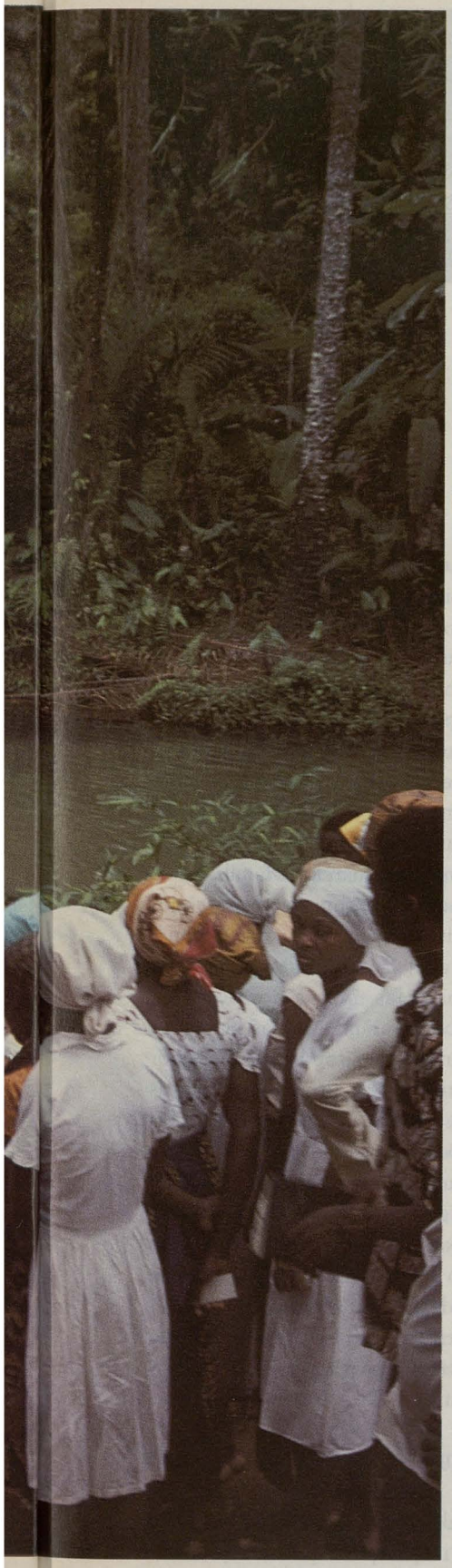
Em 1992, Emil Wilson, um santo dos últimos dias de Serra Leoa, criou estes batiques que documentam ordenanças conhecidas da Igreja: o batismo *(à esquerda)* e a ordenação ao sacerdócio *(acima)*.



Nesta foto histórica, crianças da Primária de Enugu, na Nigéria, aprendem a respeito dos primeiros pioneiros mórmons. Elas também são pioneiras do evangelho.



FOTOGRAFIA DE JANATH R. CANNON



PIONEIROS DO EVANGELHO NA ÁFRICA

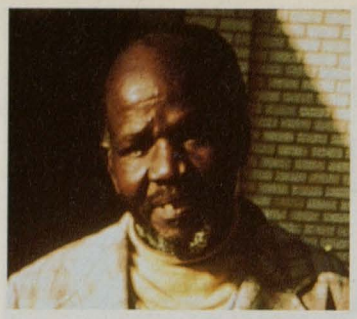
E. Dale LeBaron
FOTOGRAFIA DO AUTOR, EXCETO SE INFORMADO

Moses Mahlangu, de Soweto, África do Sul, aguardou paciente, mas persistentemente o batismo durante dezesseis anos. Quando fala da longa espera, o irmão Mahlangu se compara a Cornélio, que, diz ele, "soube ser paciente esperando para receber a palavra de Deus ou para ser membro da Igreja até os anjos aparecerem e dizerem-lhe o que fazer". (Ver Atos 10:1–7.) Hoje, aos sessenta e sete anos, Moses é jardineiro do Templo de Johannesburgo, e freqüenta-o regularmente.

Irmão Mahlangu é um dos muitos africanos que foram abençoados pela revelação do Presidente Spencer W. Kimball anunciada em junho de 1978, concedendo o sacerdócio e as bênçãos do templo a todos os homens dignos. Nos anos seguintes, à medida que o evangelho e as bênçãos do sacerdócio passaram a tocar mais e mais vidas na África, tornou-se evidente que o Senhor havia preparado e abençoado o povo da África com seu Espírito, da mesma forma que ele abençoara as pessoas nos primeiros dias da restauração.

Embora a Igreja tivesse sido estabelecida na África do Sul em 1853, passou-se mais de um século antes que a obra começasse a ser feita entre os negros da África. Em 1960, quando Glen G. Fisher foi desobrigado como presidente de missão na África do Sul, a Primeira Presidência

Após a revelação de junho de 1978 sobre o sacerdócio, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entrou na África Ocidental. A 4 de março de 1979, em um pequeno córrego próximo à vila de Ikot Eyo, Estado de Cross River, Nigéria, sessenta e sete pessoas foram batizadas. Cento e dezessete pessoas haviam sido batizadas no dia anterior.



Moses Mahlangu



Joseph W. B. Johnson



Anthony e Fidelia Obinna

pediu-lhe que investigasse alguns grupos religiosos na Nigéria que estavam usando o nome da Igreja. O irmão Fisher verificou que eles eram dedicados ao evangelho restaurado e recomendou que lhes enviassem missionários. Nos seis anos seguintes, líderes da Igreja tentaram conseguir permissão para a obra missionária na Nigéria, mas em vão. A tentativa foi abandonada em 1966, quando não conseguiram os vistos.

Apesar dos reveses na obra missionária formal, conversos não batizados, da África, recebiam literatura da Igreja e orientação inspirada. Com freqüência, esses devotos percorriam grandes distâncias para se comunicarem com a Igreja e compartilharem o conhecimento recentemente adquirido e sua convicção com seus vizinhos.

JOSEPH W. B. JOHNSON, DE GANA

Um desses pioneiros de Gana é Joseph W. B. Johnson. O irmão Johnson converteu-se após haver lido, em espírito de oração, o Livro de Mórmon, em 1964. Ele relata que após sua conversão "certo dia pela manhã, enquanto me preparava para o trabalho, vi os céus se abrirem e anjos com trombetas cantaram canções de louvor a Deus. Ouvi meu nome mencionado três vezes: 'Johnson, Johnson, Johnson. Caso te dediques a minha obra como ordenarei, abençoar-te-ei e abençoarei tua terra'. Trêmulo e em prantos, repliquei: 'Senhor, com tua ajuda, farei tudo o que me ordenares'. Daquele dia em diante, fui compelido pelo Espírito a ir de rua em rua pregar a mensagem que lêramos no Livro de Mórmon".

Quando os missionários chegaram, quatorze anos mais tarde, já havia muitas congregações não batizadas que irmão Johnson havia organizado, identificando-se com a Igreja. Alguns desses primeiros conversos posteriormente se recusaram a batizar-se na Igreja, mas muitos aceitaram o batismo. Estabelecera-se um alicerce sobre o qual a obra missionária se apoiaria com grande sucesso.

ANTHONY OBINNA, DA NIGÉRIA

Outro pioneiro africano é Anthony Obinna, da Nigéria. Ele conta que certa noite, no final da década de sessenta, "eu dormia e um homem alto veio a mim [em sonho], levou-me a um lindo edifício e mostrou-me todas as salas". Em 1970 ele leu um artigo em *Seleções* intitulado "A Marcha dos Mórmons", que incluía uma foto do Templo de Lago Salgado. "Era exatamente o mesmo edifício que vira em sonho", disse ele. Irmão Obinna escreveu à Igreja solicitando literatura mórmon.

Em 1978, quando os familiares de Obinna souberam da revelação a respeito do sacerdócio, escreveram à Primeira Presidência: "Ficamos felizes pelas muitas horas que os Irmãos passaram nas salas superiores do templo, suplicando que o Senhor nos trouxesse ao aprisco. Somos gratos ao Pai Celestial por ouvir suas orações e as nossas".

Quando os missionários chegaram à Nigéria, encontraram muitas pessoas preparadas para o evangelho como resultado dos ensinamentos e da liderança de irmão Obinna. A primeira capela SUD construída na Nigéria fica próxima à residência dos Obinna em Aboh Mbaise.

ADJEI KWAME, DE ZIMBÁBUE

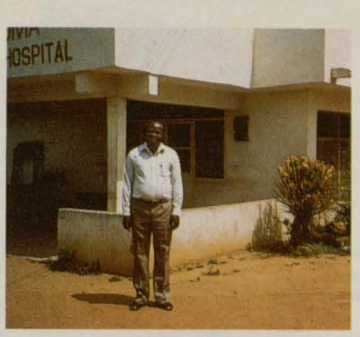
Adjei Kwame foi levado à Igreja pela inspiração espiritual que teve



Adjei Kwame



Emmanuel Abu e Elizabeth Kissi



Dr. Kissi e o Hospital Deseret que ele e Elizabeth fundaram

quando aceitou um cargo de professor em Zimbábue. "Estivera procurando a igreja verdadeira", diz ele. "Continuei sonhando com a capela de uma igreja. Quando passei por Zwe Zwe, Zimbábue, eu a vi e queria entrar nela para descobrir a razão de sonhar com ela todo o tempo". Quando visitou a Igreja certo domingo, ele conta: "Senti que estava realmente com algumas pessoas que conhecia havia muito tempo e que tínhamos sido bons amigos".

Como parte do serviço, membros do Ramo Zwe Zwe prestaram testemunho. Irmão Kwame foi ao púlpito. Disse que acreditava em Deus e queria ser membro da Igreja. Mais tarde conversou com Síster Hamstead, esposa do presidente da missão. "Não posso explicar o que realmente nos aconteceu. Percebi que estava chorando. Não consigo explicar o sentimento. Fui liberado de tudo o que me oprimia. Senti que tinha ido a um lugar que visitava freqüentemente, mas agora estava em casa".

EMMANUEL ABU KISS, DE GANA

Um dos primeiros conversos em Gana foi o Dr. Emmanuel Abu Kissi. Durante a maior parte de sua vida ele se empenhara em conseguir satisfação espiritual. "Havia lido a Bíblia várias vezes e esperava alguma coisa além do que as igrejas faziam. Sentia que as igrejas eram vazias, apesar de o cristianismo não o ser. Decidi que tinha de haver algo mais do que aquilo que nos ensinavam, mas eu ainda não havia encontrado". Depois de terminar a faculdade de medicina, o Dr. Kissi continuou a estudar a Bíblia, querendo encontrar uma igreja que preenchesse sua idéia de como uma igreja deveria ser.

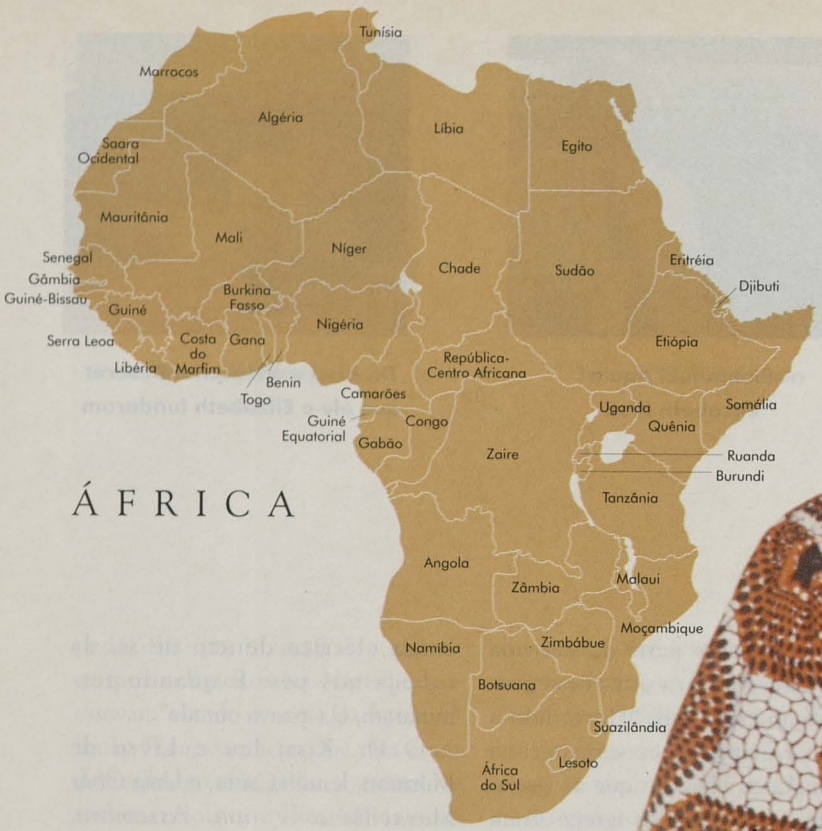
Então ele recebeu uma bolsa de estudos de medicina e foi para a Inglaterra. Em seu segundo ano lá, problemas de saúde forçaram sua esposa a deixar o emprego de enfermeira e ficar em casa durante muitos meses. Surpreendeu-se quando a esposa, Elizabeth, lhe telefonou certo dia e disse que estava pronta para retornar ao trabalho. Ela explicou que encontrara dois jovens que compartilharam a palavra de Deus com ela. Durante a conversa, a irmã Kissi pediu-lhes uma bênção. "Eles a ungiram", explica o Dr. Kissi. "Ela disse que sentiu algo como uma carga elétrica dentro de si, da cabeça aos pés. E quando terminaram, ela estava curada".

O Dr. Kissi leu o Livro de Mórmon, *Jesus o Cristo*, e *Uma Obra Maravilhosa e um Assombro*. Identificou-se fortemente com o testemunho do Profeta Joseph Smith. "Percebi que Joseph Smith havia tido o mesmo problema que eu. A Primeira Visão me fez muito bem. Coloquei-me em seu lugar e vi que apreciava cada momento de sua experiência. Não me foi difícil entendê-lo".

Depois do batismo, os Kissis voltaram para Gana, onde o Dr. Kissi serviu na presidência da missão. Os Kissis também fundaram o Hospital Deseret em Accra. Em 1992, quando as duas primeiras estacas foram criadas em Gana, o irmão Kissi foi chamado como representante regional.

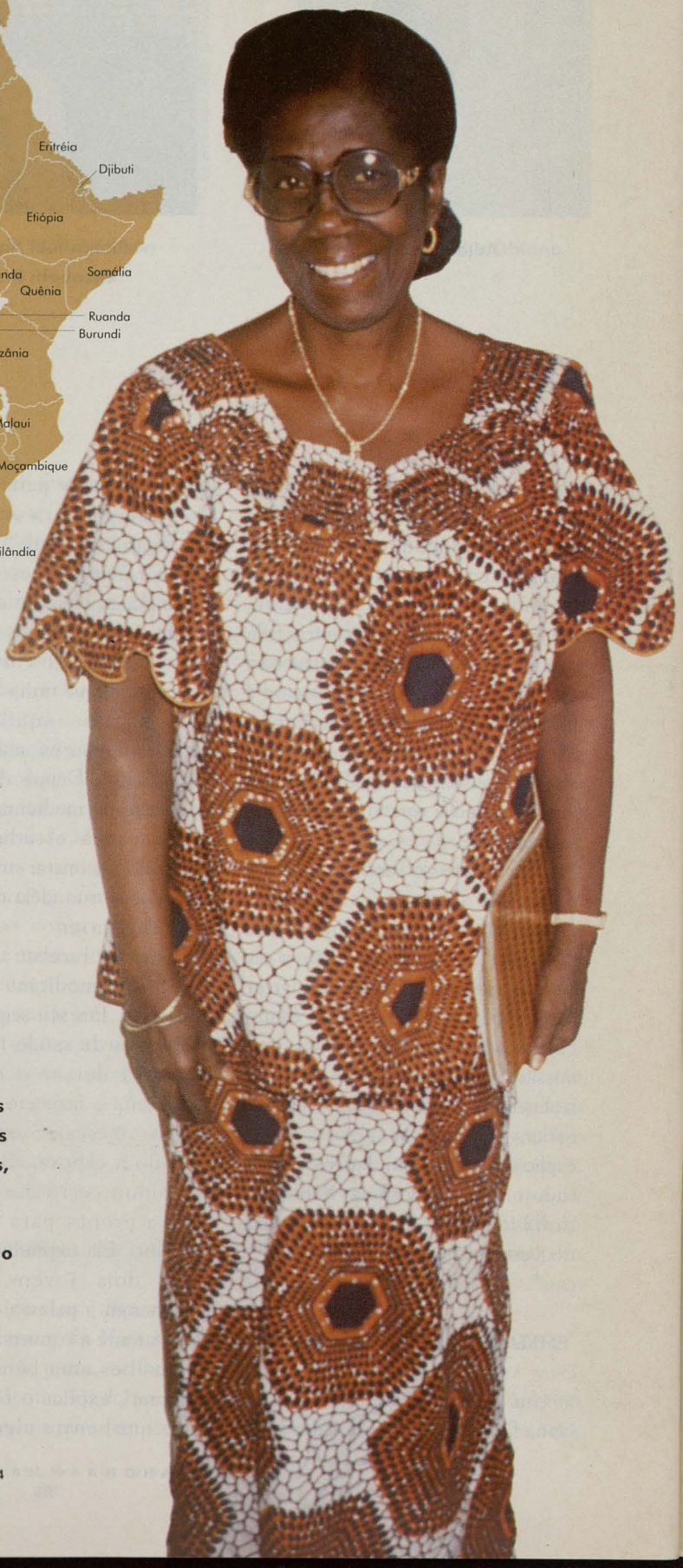
PRISCILLA SAMPSON-DAVIS, DE GANA

Priscilla Sampson-Davis encontrou os missionários pela primeira vez em 1964, enquanto residia na Holanda. Seu marido rejeitou-os, mas a irmã Sampson-Davis



ÁFRICA





Acima: **À parte de qualquer obra missionária e totalmente desconhecidas umas das outras, congregações inteiras com testemunho do Livro de Mórmon formaram-se tanto na Nigéria quanto em Gana no final da década de cinqüenta, nas décadas de sessenta e setenta. Em 1978, missionários oficiais foram recebidos de braços abertos por vilas inteiras, cujos habitantes estavam ansiosos por se tornarem santos dos últimos dias.**

À direita: **Priscilla Sampson-Davis, de Gana, traduz o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor para sua língua nativa.**

interessou-se e leu o Livro de Mórmon. Quando a família retornou a Gana, ela encontrou o grupo do irmão Johnson, que estudava as doutrinas da Igreja, e tornou-se participante ativa. Quatorze anos mais tarde, ela e os filhos estavam entre os primeiros a serem batizados quando os missionários chegaram a Gana.

Certo domingo, depois de filiar-se à Igreja, a irmã Sampson-Davis teve uma visão. Era como se estivesse na reunião sacramental. Uma pessoa vestida de branco em pé, na frente do púlpito, acenou-lhe. "Fui para a frente e pus-me a seu lado. Ele pediu-me que olhasse o rosto das pessoas, para ver se estavam todas apreciando o serviço. Vi que algumas delas haviam curvado a cabeça. Ele me perguntou por que algumas daquelas pessoas não cantavam também. Disse-lhe eu: 'Porque elas não foram à escola e não sabem ler inglês. Elas não conseguem cantar e é por essa razão que curvam a cabeça'.

Então ele disse:'Você não gostaria de ajudar suas irmãs e irmãos que não sabem ler e não podem cantar louvores ao Pai Celestial?'"

Embora ela não pudesse escrever bem a língua, respondeu "Tentarei".

A visão terminou, e ela traduziu imediatamente "Cantando Louvamos" para sua língua nativa. A irmã Sampson-Davis prosseguiu traduzindo o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor, *Princípios do Evangelho*, e vários outros materiais. (Esses materiais ainda estão sendo preparados.) Ao pedir aprovação para traduzir o Livro de Mórmon, Priscilla diz:

"Conversei a respeito da tradução com o presidente da missão, e ele pediu-me que continuasse . . .

Sentia-me bem enquanto traduzia o Livro de Mórmon. Sabia que o Senhor queria que eu o fizesse, porque às vezes, quando eu usava certa palavra ou frase, repentinamente, como se alguém estivesse em pé, atrás de mim, eu ouvia: 'Não, use esta palavra', ou 'Não, essa palavra não'. Sempre tinha uma borracha comigo, porque o Espírito estava sempre me ensinando."

CLEMENT NWAFOR, DA NIGÉRIA

Os membros estão ansiosos de proclamar sua fé recentemente descoberta. O Dr. Clement Nwafor, por exemplo, ouviu sobre o evangelho por meio de Reuben Onuokoa, pai de um de seus pacientes. O Dr. Nwafor é o médico-chefe responsável por mais de um milhão de nigerianos e é um cidadão preeminente na região de Aba, Nigéria. Quando o irmão Onuokoa levou sua filha para consultar o Dr. Nwafor, ele disse ao médico que, apesar de seus títulos e posições, ainda lhe faltava uma coisa: "Servir ao Senhor que o trouxe a este universo".

Pouco tempo após essa declaração destemida, o Dr. Nwafor aceitou o evangelho. "Senti-me como uma nova pessoa", disse ele. "Senti-me como alguém que nascera de novo". Menos de seis meses depois do batismo do Dr. Nwafor, ele foi designado sumo conselheiro, quando Élder Neal A. Maxwell organizou a primeira estaca na África Ocidental em Aba, Nigéria, em 15 de maio de 1988.

EDWARD OJUKA, DE UGANDA

Como nos primeiros dias da Igreja nos Estados Unidos, a maior parte dos africanos que foram batizados enquanto a Igreja estava no início em seus países, não tiveram



Clement Nwafor



Robert Israel Muhile



Benson e Nickson Kasue

experiências espirituais espetaculares como as que acabaram de ser contadas. Ainda assim o Espírito moveu-se entre eles com o mesmo vigor e preparou-os com a mesma segurança para o serviço no reino do Senhor.

Um deles foi Edward Ojuka, de Uganda. Ele conheceu os missionários em Perth, Austrália, quando lá freqüentou a faculdade. Depois de estudar o evangelho durante quatro meses, Edward foi batizado, mas quando conversou com a esposa, Grace, ela não se mostrou interessada; estava feliz com a igreja a que pertencia. "Não forcei o assunto", diz Edward, "por que eu sabia sem sombra de dúvida que um dia ela compreenderia".

Quando Edward terminou seu mestrado em 1987, voltou para Uganda. Então decidiu fazer o doutorado na Universidade Brigham Young. Por meio de uma "sucessão de milagres" ele conseguiu as bolsas de estudo necessárias e, em 1988, ele, a esposa e os três filhos mudaram-se para Provo, Utah. Três meses mais tarde Grace foi batizada, e um ano depois a família foi selada no templo.

"O poder da Igreja é baseado na verdade que ela leva consigo", diz Edward. "Meu desejo é servir. Se puder usar meu aprendizado e minha educação tanto secularmente quanto na Igreja para ajudar, esse seria o desejo de meu coração."

ROBERT ISRAEL MUHILE, DA TANZÂNIA

Os primeiros conversos da Igreja em uma área são, com freqüência, isolados dos amigos, da família e da igreja local já existente, mas não são isolados do Espírito.

Dentre os primeiros a aceitarem o evangelho na Tanzânia estava Robert Israel Muhile. Robert participou pela primeira vez de uma reunião SUD no Egito, onde trabalhava e estudava. Na igreja ele conheceu um casal de missionários que lhe ensinou as palestras e batizou-o. Em maio de 1991, foi ordenado élder e decidiu levar o evangelho à família na Tanzânia, mas quando voltou para sua vila—distante mil e seiscentos quilômetros e três dias de ônibus da capital da Tanzânia, Dar es Salaam —seus esforços não tiveram sucesso.

Depois de seis meses, Robert viajou para Nairobi, Quênia, e obteve permissão do presidente da missão para administrar o sacramento a si mesmo. "Sei quão importantes aqueles emblemas são", diz Robert. "Não me sentia bem espiritualmente". De volta a casa, Robert continuou a convidar a família para participar do serviço de adoração, e eles continuaram a recusar o convite. Por isso ele o realizava sozinho. Ele descreve o serviço com simplicidade:

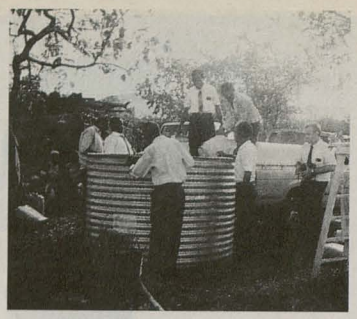
"Eu preparava o pão e a água, mais água para lavar as mãos e uma toalhinha. Cantava um hino em voz alta para mim mesmo. Eu tinha um hinário. Depois disso, fazia uma oração. Por estar só, não tinha nenhum anúncio. Cantava o hino e preparava o sacramento. Depois me ajoelhava, abençoava e tomava o sacramento. Depois do sacramento, cobria-o, como é costume, em sinal de respeito. Fazia um discurso—meu testemunho. Então cantava como se estivesse na Escola Dominical e lia um trecho de *Princípios do Evangelho*.

Edward Ojuka com a família. Edward trabalha atualmente em seu doutorado e a esposa, Grace, em seu bacharelado na Universidade Brigham Young.



FOTOGRAFIA DE DOUG MARTIN







***Da esquerda para a direita:* Aos domingos pela manhã, as crianças utilizam galhos de árvore para varrer o abrigo rústico onde os santos de Chyulu se reúnem. Um tanque de água foi levado de Nairóbi para Chyulu para servir de pia batismal. Julius Kasue na nova pia.**

Terminava com uma oração. Então vinha a reunião do sacerdócio. Depois de cantar um hino, fazia uma oração e lia a lição que escolhera para aquele dia no manual do sacerdócio. Depois disso, encerrava cantando um hino e fazendo a oração de encerramento."

Depois de dois meses em casa, Robert recebeu uma carta de Lervae e Joyce Cahoon, os primeiros missionários enviados à Tanzânia. Precisavam de seus serviços como tradutor. Ele aceitou e viajou a Dar es Salaam para juntar-se a eles. Enquanto estava lá, conheceu Joy Nassiuma, uma conversa de Nairobi, e casou-se com ela. Em julho de 1993, Robert e Joy foram selados no Templo de Johannesburgo, África do Sul.

BENSON E NICKSON KASUE, DO QUÊNIA

Dentre os primeiros conversos do Quênia estavam dois irmãos, Benson e Nickson Kasue. Quando Benson tinha cerca de dezoito anos de idade, a família Dennis Childs, dos Estados Unidos, falou-lhe do evangelho. Irmão Childs era veterinário que trabalhava em um projeto de pesquisa no Quênia e contratou Benson para trabalhar com ele. Surgiu uma boa amizade entre eles, e Benson interessou-se pela Igreja. Então, falou sobre a igreja ao irmão. Quando os primeiros missionários chegaram ao Quênia, os irmãos estudaram com eles e solicitaram o batismo. Mas "parecia que aquilo nunca ocorreria", diz ele, "porque a Igreja não obteve permissão para registro em nosso país. Esperei cerca de quatro anos. Fiz tudo o que podia fazer, mas não era batizado. Pensei que Deus estava me testando. Orei e jejuei continuamente".

Por ter sido negado o reconhecimento oficial, era necessária autorização especial das autoridades governamentais antes que qualquer um pudesse ser batizado. Em 1985, foi dada aprovação para batismos particulares em residências, e os irmãos Kasue foram então batizados. Em 1986, Benson e Nickson tornaram-se os primeiros quenianos a cumprirem missão de tempo integral—Benson, na Califórnia e Nickson, em Washington, D.C.

OS SANTOS DE CHYULU

Quando terminaram a missão, tanto Benson quanto Nickson casaram-se no templo e continuaram a pregar o evangelho. Uma das pessoas a quem falaram do evangelho foi o irmão mais velho, Julius. Depois de pesquisar durante quatro anos, Julius filiou-se à Igreja e voltou para sua casa na vila de Chyulu, uma área rural a cerca de 250 quilômetros sudeste de Nairobi, Quênia. Julius e a esposa, Sabina, tornaram-se o núcleo de um ramo lá. A experiência dos santos de Chyulu é típica da fé encontrada entre as novas congregações sendo estabelecidas por toda a África.

Para realizar reuniões de adoração, os membros em Chyulu construíram um pequeno abrigo rústico que poderia acomodar em torno de quarenta pessoas. Os lados eram formados por ramos de árvore entrelaçados, e o telhado era de zinco ondulado e ramos de palma. Todo domingo pela manhã as crianças usavam galhos de árvore para varrer o edifício.

Devido ao isolamento da área e às condições primitivas, arranjos especiais tiveram que ser feitos para os batismos. Um tanque de água foi trazido de Nairobi para servir de pia batismal. Levava cinco horas para bombear água suficiente de um poço

e transportá-la até a nova fonte. Então dez adultos entravam na fonte para elevar o nível da água o suficiente para que as pessoas a serem batizadas pudessem ser imersas. Em preparação para o primeiro serviço, quarenta pessoas receberam as palestras e foram entrevistadas. Quando foram batizadas e confirmadas, o ramo ficou com quase o dobro de membros. Em agosto de 1993, havia dois ramos em Chyulu, com um número total de trezentos e cinqüenta membros.

Em 1992, uma séria estiagem quase levou os santos da área de Chyulu à inanição. Sob a direção do presidente da missão, Larry Brown e Julius Kasue, na época presidente do Ramo Chyulu, 1.500 quilos de milho e feijão foram enviados para aliviar o sofrimento dos santos. Élder e Sister Ted McNeill, um casal missionário, fizeram a penosa viagem para entregar o alimento. Élder McNeill lembra-se:

"Cerca de oito mulheres iam tirando grandes pedras de lava do caminho e abrindo uma estrada. Nunca vi mulheres trabalharem com tanto afinco. Trabalhei em construções toda a minha vida e gostaria de ter uma equipe como aquela."

Houve grande alegria quando o caminhão chegou com os dezessete sacos de alimentos. O presidente e a irmã Kasue passaram a noite preparando mingau e alimentando porções aos muitos santos que estavam fracos demais para se levantarem da cama. Ele visitou cada família para avaliar suas necessidades.

A fim de ajudar os membros da Igreja a se prepararem para futuras emergências, foi estabelecido um programa para plantio de safras resistentes à seca, mas até a produção de safras resistentes à seca requer *alguma* umidade—e não chovia na área havia quase dois anos. Em 21 de outubro de 1992, quarenta membros e sessenta não-membros plantaram suas sementes e depois realizaram um jejum especial, pedindo ao Senhor que os abençoasse com chuva. Levaram o filme da Igreja, *As Janelas do Céu*, e exibiram-no em um dos poucos locais públicos com luz elétrica. Em menos de uma semana, as chuvas chegaram. As plantações cresceram —e a fé aumentou. A colheita foi excelente.

TODOS SÃO IGUAIS PERANTE DEUS

Da mesma forma que no início da Restauração, a Igreja na África tem crescido rapidamente, à medida que os conversos pregam o evangelho e se esforçam para sobrepujar os desafios. Quinze anos depois da revelação a respeito do sacerdócio, o número de santos negros na África continua a crescer a uma taxa que rivaliza com a do início da Igreja. O Senhor verdadeiramente convida "a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus" (2 Néfi 26:33).

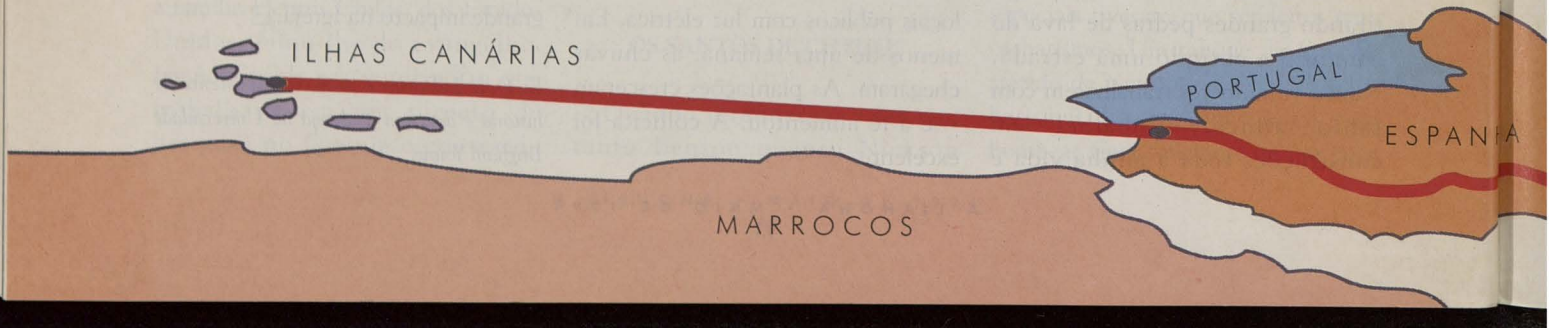
É evidente que o Senhor ama as pessoas da África e deseja abençoar esse povo paciente. E a Igreja vem tendo um grande impacto na vida desses africanos. Eles, por sua vez, estão tendo e continuarão a ter um grande impacto na Igreja. □

E. Dale LeBaron é professor assistente de história e doutrina da Igreja na Universidade Brigham Young.



A VIAGEM PELA ESTRADA

Lisa A. Johnson





FOTOGRAFIA DE LISA A. JOHNSON

DA ETERNA



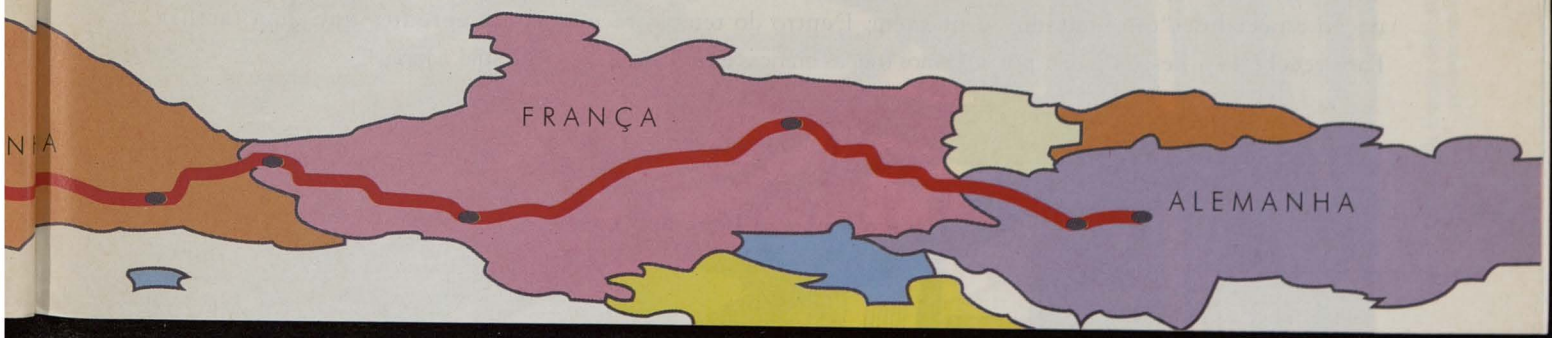
Para chegar ao templo, eles tiveram que atravessar um oceano e três países.

Pegue oito pessoas cheias de vida. Misture-as em um pequeno furgão por quarenta horas. Adicione falha mecânica, chuva, enjôo. O que resulta? "O céu", segundo a família Marrero.

"Foi a experiência mais espiritual de minha vida", diz Raquel, de quinze anos, a respeito da viagem ao templo que fez com a família, a fim de serem selados para o tempo e a eternidade.

Para muitas pessoas, uma ida ao templo não significa tanto sacrifício quanto para os Marreros. Eles moram na ilha de Tenerife, uma das Ilhas Canárias, que pertencem à Espanha e se localizam a aproximadamente oitenta quilômetros da costa do Marrocos. Quando finalmente chegou a hora, o templo aberto mais próximo era o da Alemanha. Então para lá se dirigiram, cruzando o oceano e passando por três países.

O custo das passagens de avião teria sido grande demais para a família, que consiste de Luci, de 7 anos;



Fábio, de 9; Oliver, de 11; Raquel, de 15; Desirée, de 17; Oscar, de 19; e os pais Miguel e Ângela. Eles tiveram que trabalhar durante dois anos, Miguel como carpinteiro e o resto da família em trabalhos esporádicos, para juntarem dinheiro suficiente para viajar do jeito que viajaram.

Fizeram a viagem em um *furgón*, ou furgão, que Miguel transformou em casa motorizada com duas camas. Ao partir, embarcaram com o *furgón* numa balsa e navegaram oitocentos quilômetros até a Espanha.

"Ficamos todos enjoados", conta Raquel. "Foi a maior alegria vermos terra de novo".

Isso, porém, era só o começo. Tinham à frente horas e horas de estrada através da Espanha, França e Alemanha, dormindo sob a luz das estrelas "Para passar o tempo, buzinávamos e acenávamos para os outros carros com placa da Espanha", diz Desirée. "E cantávamos todos os hinos e canções espanholas que conhecíamos —repetidamente.

"Nosso pai guiava e consertava o carro", acrescenta Raquel. Entre outras coisas, eles tiveram problemas com a parte elétrica, o que tornou difícil trafegar à noite sem que fossem freqüentemente obrigados a parar para consertar os faróis. Finalmente, quando chegaram em Frankfurt, estacionaram e esperaram o dia amanhecer a fim de, com a luz do dia, não errarem o caminho para o templo.

Bem, não foi exatamente assim. Acontece que o templo fica em Friedrichsdorf, na periferia de Frankfurt, e com seu limitado conhecimento de alemão, os Marreros não conseguiam achá-lo. Por fim, pagaram a um motorista de táxi que falava espanhol para mostrar-lhes o caminho.

"Quando vimos o anjo Morôni no topo do templo, foi uma festa", diz Raquel. "Era lindo, ainda mais pelo tanto que sofremos para chegar até lá."

Oh, e que experiências tiveram dentro do templo! "Foi tão maravilhoso quando fomos selados—todos de branco, mesmo os pequeninos, todos tão lindos", diz Desirée. "Agora sabemos que podemos ficar para sempre com aqueles que amamos."

Os Marreros passaram pelo templo aproximadamente quatro dias consecutivos, os pais fazendo selamentos e os filhos mais velhos realizando batismos pelos mortos. Quando chegou a hora de partir, estavam relutantes, especialmente por saberem da tediosa viagem que os aguardava.

Sua vida, contudo, havia mudado naqueles quatro dias. "Já não brigávamos tanto", observa Raquel. "Sabíamos que éramos uma família eterna".

"A viagem foi bastante parecida com a vida", comenta Desirée. "Passamos por alguns momentos difíceis, trabalhamos arduamente, mas tudo vale a pena quando chegamos ao reino celestial. Fizemos muito sacrifício para que todos pudessem chegar lá juntos." □

PARA QUEM PLANEJA IR AO TEMPLO

Uma viagem ao templo requer muita preparação. Quem vai visitar o templo para realizar batismos pelos mortos ou para ser selado à família deve observar o seguinte:

• Quem tem entre 12 e 18 anos de idade deve obter uma recomendação especial de "uso limitado". Para recebê-la a pessoa passa por uma entrevista individual com o bispo. Os rapazes devem portar o Sacerdócio Aarônico.

• Ligue para o templo com antecedência e marque um horário para o que pretender fazer.

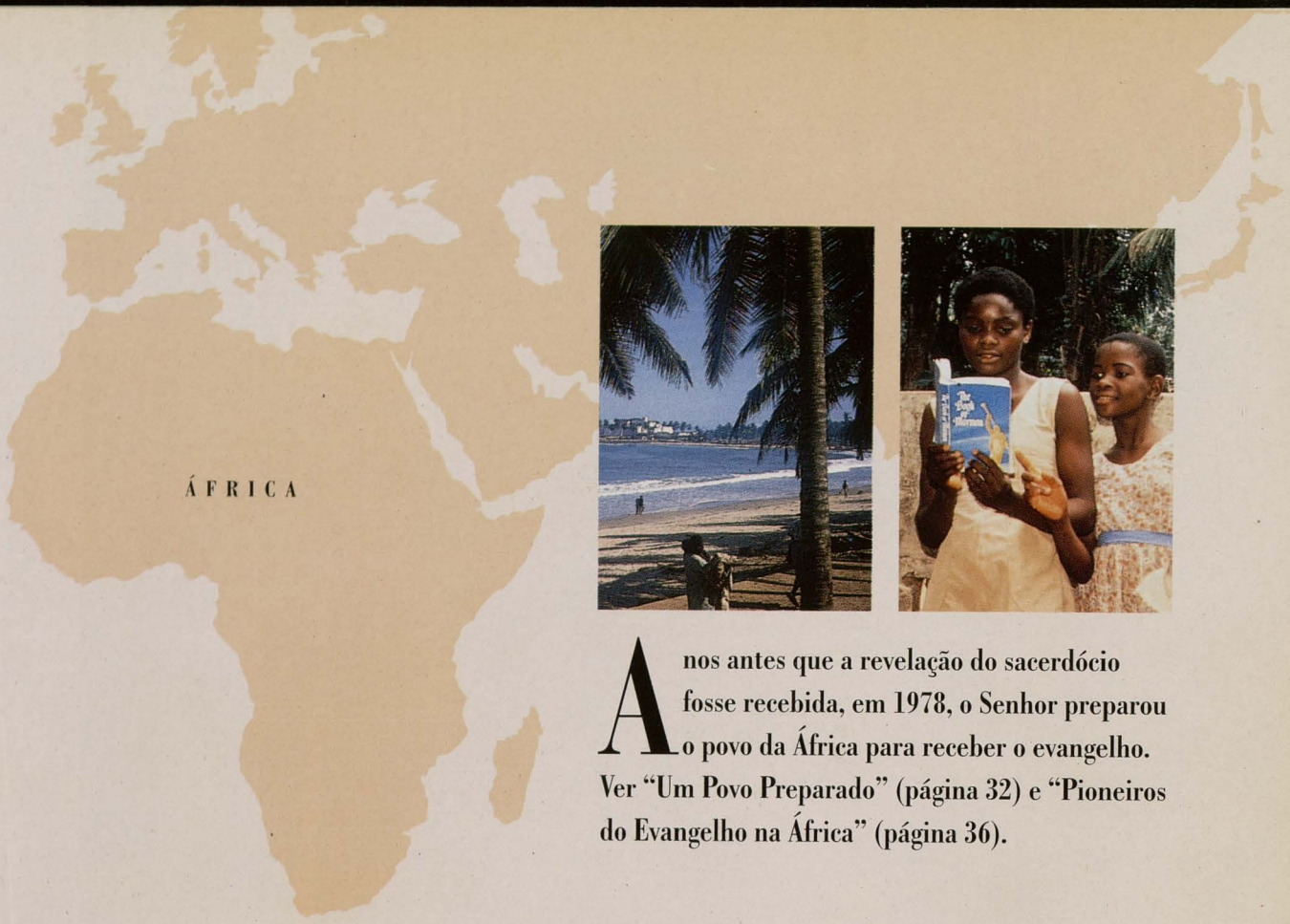
• Vista-se com a melhor roupa que tem. Dentro do templo recebemos roupas brancas especiais.

• Essa viagem pode tornar-se um dos eventos mais importantes e espirituais da vida de uma pessoa. Prepare-se com a maior antecedência possível, vivendo os mandamentos, orando, estudando as escrituras e vivendo e amando como acredita que uma família celestial o faria. □



Templo de Johannesburgo África do Sul

Na oração dedicatória do templo, feita em agosto de 1985, o Presidente Gordon B. Hinckley pediu: "Deus Todo-Poderoso, cuidai [destas nações] para bênção e proteção de teus santos fiéis. Oramos por paz nesta terra conturbada . . . Que a presença da tua casa no solo desta terra traga bênçãos a toda nação". (Ver artigo relacionado, "Pioneiros do Evangelho na África", página 36.)



Anos antes que a revelação do sacerdócio fosse recebida, em 1978, o Senhor preparou o povo da África para receber o evangelho. Ver "Um Povo Preparado" (página 32) e "Pioneiros do Evangelho na África" (página 36).



94985059